

ISCTE  IUL
Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

O Compromisso Moral nas Relações Amorosas

Filipa Alexandra Cardoso Dias

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professor Doutor Diniz Marques Francisco Lopes, Professor Auxiliar

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2016

ISCTE  IUL
Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

O Compromisso Moral nas Relações Amorosas

Filipa Alexandra Cardoso Dias

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professor Doutor Diniz Marques Francisco Lopes, Professor Auxiliar

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2016

Agradecimentos

A realização desta Dissertação marca o fim de uma das mais importantes etapas da minha vida, repleta de momentos de alegria, ansiedade e de muitas concretizações. Contudo, chegar até aqui só foi possível com o contributo de algumas pessoas que, em diferentes aspetos, marcaram este meu percurso. Por isso, gostaria de deixar o meu profundo agradecimento a todos e referir o quão importante foram para mim:

Em primeiro lugar, ao meu orientador do ISCTE, o Professor Doutor Diniz Marques Francisco Lopes, o facto de me ter aceite orientar este meu trabalho. São meses muito intensos de trabalho e dedicação, mas sem dúvida que todo o apoio e ajuda que me foi dado foram essenciais para conseguir realizar com sucesso esta etapa. Agradeço ainda por partilhar comigo o seu conhecimento e pelo incentivo que me transmitiu ao longo destes meses.

Aos meus pais, por toda a confiança que têm em mim. Por me terem dado liberdade para definir e traçar o meu trajeto que me permitiu chegar até aqui. Por me ensinarem a seguir os meus objetivos e para nunca desistir. Por me apoiarem em todas as minhas decisões e por estarem sempre ao meu lado em todos os momentos. Criaram-me, ensinaram-me e tudo aquilo que sou hoje devo-o a vocês. Um especial obrigada.

Às minhas irmãs, Andreia e Raquel, agradeço toda a disponibilidade, apoio, força, paciência e confiança demonstrada. São pessoas muito importantes para mim e serão sempre uma grande referência para mim.

Aos restantes familiares e amigos, pelas expectativas que depositam em mim, às quais pretendo sempre corresponder e ir mais além. Por acreditarem em mim e me transmitirem segurança para alcançar sempre mais. Obrigada pela amizade e dedicação.

Por último, mas de uma forma muito especial, dedico este trabalho à minha tia Isabel e ao meu cunhado Tiago. Não há palavras para descrever a saudade. Foram e serão sempre especiais na minha vida. Espero de alguma forma orgulhar-vos e representar-vos sempre da melhor maneira. Um sincero obrigada!

Resumo

O principal objetivo deste estudo foi construir um novo instrumento, através de outros já existentes, que permitisse medir o constructo do compromisso moral nas relações amorosas. Esta investigação baseou-se no Modelo Tripartido de Johnson, que revela que o compromisso se divide em três dimensões: o pessoal, o moral e o estrutural; e no Modelo de Investimento de Rusbult que apresenta dimensões relacionadas com a satisfação na relação, o tamanho dos investimentos, as qualidades alternativas e por fim o nível de compromisso. Para o presente estudo foi utilizada uma amostra de 536 participantes e a escala criada, *Moral Obligation*, apresentou um total de 38 itens. Inicialmente foram realizadas análises fatoriais exploratórias com rotação promax, tendo sido retidos 31 itens agregados em 4 dimensões: pressão social e manutenção da relação, as perspetivas e consequências da separação e do abandono do parceiro, a tolerância e compreensão face ao parceiro e ao relacionamento e os valores de consistência. A escala demonstrou uma boa validade de construto e índices apropriados de fidelidade (alfas de cronbach > 0.68). Posteriormente foi realizada uma proposta de *Short-Scale* de modo a possibilitar uma aplicação mais rápida e simples. Esta proposta foi também testada, demonstrando boa validade de construto e boa fidelidade (alfas de cronbach > 0.66). Testou-se a sensibilidade das dimensões das escalas, de acordo com o sexo, a coabitação e a filiação e no fim verificou-se a validade convergente com as dimensões da escala do Modelo de Investimento de Rusbult. Por último, na conclusão, analisam-se os resultados à luz da teoria, propondo-se novas linhas de investigação que podem ser realizadas a partir destas escalas.

Palavras-Chave: Escala de Moral Obligation; Compromisso Moral; Relações Amorosas; Modelo Tripartido de Johnson; Modelo de Investimento

Abstract

The main goal of this investigation was to develop a new scale using existing measures to allow the adequate measurement of moral commitment in romantic relationships – the Moral Obligation scale. This investigation was based on Johnson’s Tripartite Model, that shows three different types of commitment: personal, moral and structural; and also on Rusbult’s Investment Model that is focused on relationship satisfaction, size of the investments, quality of alternative and also level of commitment. A total of 536 participants were used as sample for this study and the new scale – *Moral Obligation* – has a total of 38 items. The exploratory factor analyses were conducted using *promax* rotation, revealing four different dimensions: social pressure and relationship maintenance, perspectives and consequences due to the separation and abandonment of the partner, tolerance and comprehension towards the partner and the relationship, and consistency values. The scale shows good internal consistency levels (cronbach’s alphas > 0.68). Afterwards, a Short-Scale was devised in order to allow a faster and easier application. A reasonable internal consistency was obtained after analyzing the Short-Scale results (cronbach’s alphas > 0.66), while the previously found dimensions were maintained. The sensibility of the dimensions was tested according to gender, cohabitation and filiation in both scales. At the end the convergent validity of the Moral Obligation scale was verified with Rusbult’s Investment Model scale dimensions. In the conclusions, results are discussed at the light of the existing theory, and new avenues of investigation are proposed, as well as potential uses of the Moral Obligation scale.

Key-words: Moral Obligation Scale; Moral Commitment; Romantic Relationships; Johnson’s Tripartite Model; Investment Model

Índice

Agradecimentos.....	II
Resumo.....	III
Abstract	IV
Introdução.....	1
Enquadramento Teórico	3
As Relações Amorosas	3
O Compromisso nas Relações Interpessoais	4
Modelos Explicativos do Compromisso nas Relações Amorosas.....	6
Modelo dos Valores Sociais de Coesão de George Levinger	6
Modelo do Investimento de Caryl Rusbult	7
Modelo Tripartido de Johnson	9
Modelo Tripartido de Johnson - O Compromisso Moral.....	12
Relação entre os Tipos de Compromisso nas Relações Amorosas e Escalas de Medida de Compromisso Moral	14
Método	16
Participantes.....	16
Caraterização dos Instrumentos de Medida.....	17
Escala de <i>Moral Obligation</i>	17
Escala do Modelo de Investimento de Rusbult.....	19
Questões Sociodemográficas	19
Procedimento	19
Resultados	20
Caraterísticas Descritivas dos Itens	21
Estudo da Validade de Construto e Fidelidade da Escala de <i>Moral Obligation</i>	23
Proposta de uma <i>Short-Scale</i>	27
Análise da Sensibilidade das Dimensões da Escala Completa e da <i>Short-Scale</i>	29
Estudo da Validade Convergente da Escala de <i>Moral Obligation</i> e <i>Short-Scale</i>	32
Conclusão	35
Referências	41
Anexos.....	45
Anexo A - Questões Sociodemográficas	45
Anexo B - Questionário da Escala de <i>Moral Obligation</i>	46

Anexo C - Escala do Modelo de Investimento de Rusbult..... 49

Índice de Quadros

Quadro 1: <i>Composição da escala de Moral Obligation</i>	18
Quadro 2: <i>Estatísticas Descritivas dos Itens</i>	21
Quadro 3: <i>Análise Fatorial Exploratória com Rotação Promax</i>	24
Quadro 4: <i>Análise Fatorial Exploratória com Rotação Promax</i>	28
Quadro 5: <i>Sensibilidade das dimensões da Escala Completa e da Short-Scale relativamente ao Sexo</i>	30
Quadro 6: <i>Sensibilidade das dimensões da Escala Completa e da Short-Scale relativamente à Coabitação</i>	31
Quadro 7: <i>Sensibilidade das dimensões da Escala Completa e da Short-Scale relativamente à Filiação</i>	31
Quadro 8: <i>Correlações entre as dimensões subjacentes à escala do Modelo de Rusbult e da Moral Obligation (r pearson, significância e N)</i>	33
Quadro 9: <i>Correlações entre as dimensões subjacentes à escala do Modelo de Rusbult e da Short-Scale (r pearson, significância e N)</i>	34

Índice de Figuras

Figura 1. <i>Scree-Plot</i>	23
-----------------------------------	----

Introdução

O compromisso nas relações amorosas é definido como uma orientação a longo prazo que compreende sentimentos de vinculação psicológica ao outro, muitas vezes influenciado tanto pela satisfação, como pela qualidade de alternativas e pelos investimentos intrínsecos e extrínsecos (Rusbult, Martz & Agnew, 1998, citados por Rodrigues & Lopes, 2014).

Existem vários modelos e várias tipologias para estudar o compromisso. Contudo, esta investigação é centrada e baseada no Modelo Tripartido de Johnson e posteriormente analisada e comparada com o Modelo de Investimento de Rusbult. Mais especificamente, no presente trabalho pretende-se analisar o compromisso moral, expandir a sua abrangência relativamente ao proposto por Johnson (1999) e apresentar um instrumento de medida alternativo aos existentes: *Moral Commitment Scale* (Johnson et al, 1999), *Cohabiting Partners Moral Commitment Clusters* (Pope, 2010) e *Assessment of Relationship Commitment* (Gagné e Lydon, 2003). Contudo, será utilizado como base o modelo e a escala do compromisso moral de Johnson (1999).

Johnson (1999) estudou o compromisso moral enquadrado na ideia de compromisso de uma relação, apresentando um modelo como proposta, o *Johnson's Tripartite Model of Commitment*. Para além deste tipo de compromisso, este modelo aborda dois outros tipos de compromisso, o pessoal (que se refere à medida em que um parceiro quer manter o seu relacionamento, abrangendo a dimensão de atração) e o estrutural (que se refere ao grau em que um parceiro sente que deve ou tem que ficar no seu relacionamento). Ainda assim, considerou que o compromisso era um constructo multidimensional, definindo o compromisso moral como uma dimensão distinta, ou seja, separada do compromisso pessoal e estrutural. Desta forma, para Johnson, o compromisso moral compreende atitudes em relação à separação, obrigação e responsabilidade, nomeadamente de cuidar e não abandonar o parceiro. Assim, as componentes do compromisso moral são denominadas de atitudes face ao divórcio, como é o caso de uma opinião sobre a dissolução de determinados relacionamentos; as atitudes face ao casamento, como por exemplo o facto de prometer que ficava com alguém para sempre; e por fim, os valores de consistência caracterizados como sendo uma obrigação de continuar num relacionamento por causa dos seus valores individuais (Johnson, 1999, cit. por Pope & Cashwell, 2013).

Segundo Johnson (1991), o compromisso moral é considerado como uma predisposição intrapessoal, sendo formado antes do início de um relacionamento e sendo influenciado por diferentes valores e crenças, como é o caso da religiosidade. Ainda assim, é importante referir que o compromisso moral não significa sempre que seja algo negativo (ex: sentimentos de aprisionamento), pode até promover positivamente o compromisso dependendo da qualidade conjugal.

De acordo com as investigações realizadas sobre esta temática, é possível verificar que o compromisso moral apenas está relacionado com a coabitação em casais do mesmo sexo ou de sexo diferente. Alguns estudos realizados focam-se apenas em casais que assumiram uma relação matrimonial, quer esta seja ou não oficial. Desta forma, torna-se importante desenvolver não só este constructo (visto estar pouco estudado) como também a forma como é possível aceder através de instrumentos de medida, de modo a ser aplicado a diferentes tipos de relacionamentos amorosos (como por exemplo quando as pessoas não vivem juntas), não se restringindo apenas a relacionamentos que impliquem a existência de um contrato matrimonial, ou seja, quando há uma ligação leal ou presencial.

Assim, o presente trabalho teve como principal objetivo construir um novo instrumento, através de outros já existentes, que permitisse medir o constructo do compromisso moral nas relações amorosas. De seguida, é apresentado o enquadramento teórico que suporta o construto de compromisso, mais especificamente o de compromisso moral, bem como de outros construtos adjacentes que serão utilizados na presente investigação. Posteriormente, é apresentada a construção e validação de uma escala de "*Moral Obligation*", analisando as suas principais características psicométricas (e.g. estrutura fatorial, consistência interna, sensibilidade das dimensões obtidas e convergência com outros construtos semelhantes). Finalmente, é descrita uma discussão dos resultados, bem como limitações e perspetivas de estudos futuros.

Enquadramento Teórico

As Relações Amorosas

As relações amorosas são consideradas como interações de caráter voluntário impulsionadas por uma grande intensidade de sentimentos vividos entre os parceiros através de manifestações de carinho e de comportamentos sexuais (Collins, Welsh & Furman, 2009).

A intimidade é um dos conceitos muito abordados nas relações amorosas. Segundo Costa (2005), é um conceito muito abrangente, complexo, controverso, e considera ser um processo contínuo de desenvolvimento. Contudo, este indica-nos que é na infância que começamos a explorar a intimidade, desde os relacionamentos com os pais, aos relacionamentos com os amigos, como mais tarde em casal. Ainda assim, para o autor, a intimidade é vista de uma forma positiva referindo ser fundamental para o bem estar psicológico e social de cada um dos parceiros (Guedes, 2011).

Ao longo dos anos, muitos investigadores tentaram definir o significado de amor, mas na realidade ainda não existiu nenhum acordo relativamente à sua definição. Atualmente, existem diversas teorias que procuram explicar este conceito, como é o caso da Teoria da Vinculação, a Teoria Triangular de Sternberg e a Teoria dos Estilos de Amor de Lee (Costa, 2005, cit. por Mateus, 2011).

Para além das teorias subjacentes ao amor, é importante referir que existem outros fatores que procuram explicar os comportamentos nas relações amorosas. Na realidade, existem diferentes motivos para as pessoas quererem permanecer/acabar um relacionamento. Segundo Lemay e Venaglia (2016), as previsões das pessoas sobre o futuro das suas próprias relações tendem a ser positivas. Os recém-casados acreditam que os seus casamentos irão melhor ao longo do tempo (Apostolou, 2015). Contudo, existe variabilidade nas expectativas do relacionamento das pessoas, causando consequências importantes nas relações (Willoughby & Belt, 2016). Vários estudos mostram que a qualidade do relacionamento está relacionado com os níveis de persistência, as avaliações globais e as relações de compromisso como um resultado de expectativas. Desta forma, o compromisso, ou a falta do mesmo, é um dos fatores interessantes a ser estudado nas relações amorosas.

O Compromisso nas Relações Interpessoais

A definição de compromisso não é consensual. Alguns autores referem-se ao compromisso como sendo um conceito unidimensional, outros como um constructo multidimensional e outros caracterizam o compromisso em várias tipologias. Apesar das diferenças, a maioria defende que o compromisso permite aos casais sentimentos de segurança e de estabilidade, que caracterizam como sendo a base para um bom relacionamento (Stanley, Markman e Whitton, 2002).

Segundo Agnew (2009), existem duas perspectivas para caracterizar, observar e avaliar o compromisso: a perspectiva psicológica, que é definida como uma experiência subjetiva para classificar os relacionamentos (como por exemplo, como é que o indivíduo se sente com a sua relação); e a perspectiva comportamental que se define através de atitudes, comportamentos ou ações perante o respetivo parceiro.

Apesar das duas perspectivas, Agnew (2009) considera que o compromisso pode ter um carácter voluntário ou não-voluntário, ou seja, quando as pessoas têm determinadas ações, pensamentos e atitudes porque querem e porque têm essa intenção considera-se que estamos perante um compromisso voluntário; quando as pessoas agem de determinada maneira como se fosse uma obrigação o autor considera que estamos perante um compromisso não-voluntário.

Segundo Kurdek (2008), vários investigadores referem que o compromisso é uma experiência subjetiva de estabilidade composto por diferentes componentes, nomeadamente cognitivas (como os pensamentos), afetivas (como os sentimentos) e motivacionais (como as intenções). Por outro lado, Agnew (2009) refere que outros autores consideram que o compromisso se subdivide em vários tipos distintos: como o compromisso moral, o compromisso estrutural e o compromisso pessoal. Desta forma, foram surgindo várias teorias e modelos explicativos de forma a tentar ultrapassar a ambiguidade deste conceito (Agnew, 2009).

Independentemente das teorias criadas para este conceito, o compromisso é considerada uma variável bastante relevante para muitos dos investigadores interessados na área dos relacionamentos (Agnew, 2009). Em primeiro lugar, muitos autores revelam ser uma variável motivacional com forte influência sobre os relacionamentos, nomeadamente ao nível do afeto, cognição e motivação: pessoas que revelam mais níveis de compromisso tendem a

pensar no seu relacionamento como um todo (como por exemplo, escreverem ou falarem sobre seu relacionamento usando pronomes no plural - nós, nós, a nossa - e menos singular pronomes - eu, ele, ela) e tendem a ver a sua relação como melhor do que as relações dos outros (Agnew, 2009).

Em segundo lugar, tem sido demonstrado que o compromisso está relacionado com a promulgação de uma variedade de comportamentos de manutenção de relacionamentos críticos: comportamentos e ações que contribuem para uma relação de continuidade (no âmbito do alojamento, perdão ou até disposição de um dos parceiros) de modo a manter um relacionamento, mostrando que estão juntos tanto nos bons como nos maus momentos. Assim, as pessoas que estão mais comprometidos com os seus parceiros agem de forma diferente comparativamente com as pessoas estão menos comprometidas (Agnew, 2009).

Em terceiro lugar, o compromisso é considerado como um preditor proximal do rompimento de um relacionamento. Para algumas pessoas, o compromisso acaba por se refluir, servindo como uma forma de prever a estabilidade final de uma determinada relação, levando muitas vezes às pessoas optarem por terminar o seu relacionamento (Agnew, 2009).

Em quarto lugar, e como foi referido anteriormente, apesar de muitas vezes o compromisso estar muito direcionado para os relacionamentos, existem outros fatores subjacentes a esta constructo, como é o caso dos compromissos com a amizade, com uma organização, com um desporto ou com outras atividades. Desta forma, os fatores que nos levam a continuar num relacionamento também desempenham um papel importante em manter-nos comprometidos com uma variedade de atividades (Agnew, 2009).

Na verdade, as primeiras teorias formuladas para caraterizar o conceito de compromisso num relacionamento estavam apenas relacionadas com a satisfação e com o nível de sentimento que existia entre os casais (Agnew, 2009). Contudo, não era suficientemente eficaz analisar uma dimensão apenas através de fatores de carácter positivo. Assim, mais tarde, surgiram novas abordagens para analisar o compromisso, como o Modelo dos Valores Sociais de Coesão de Levinger (Levinger, 1980), o Modelo de Investimento de Rusbult (Rusbult, 1980) e o Modelo Tripartido de Johnson (Johnson et al, 1999).

Modelos Explicativos do Compromisso nas Relações Amorosas

Embora o Modelo Tripartido de Johnson seja o modelo utilizado no presente estudo, é importante compreender o constructo de compromisso no contexto dos três principais modelos explicativos deste construto.

Modelo dos Valores Sociais de Coesão de George Levinger. Levinger (1965) foi um dos primeiros investigadores da psicologia a estudar a coesão conjugal, referindo que a mesma se trata de "compromisso". Para o autor, uma relação conjugal depende de forças, tanto sociais como psicológicas, que atuam sobre o indivíduo e o seu respetivo parceiro. Pope (2010) indica que o investigador caracteriza essas forças como sendo: as atrações (forças que influenciam o casal a permanecer num relacionamento), as barreiras (forças que restringem um a sair da própria relação), as atrações alternativas (forças que impulsionam outras relações para ambos) e as barreiras alternativas (forças que retêm um dos parceiros a deixar as outras relações).

Segundo Levinger (1980), as atrações referem-se a relacionamentos com base em recompensas. Estas apresentam várias componentes, nomeadamente as recompensas familiares (como a renda familiar), as recompensas simbólicas (como a similaridade social baseada na educação), e as recompensas afetivas (como o companheirismo e o prazer sexual). Ainda assim, Levinger teve a necessidade de identificar outra força, as barreiras, para conseguir explicar a questão do compromisso quando existe a intenção de um casal permanecer na relação mesmo quando as atrações são consideradas baixas. Esta força está relacionada com a componente de custos, nomeadamente materiais (despesas financeiras), simbólicos (restrições religiosas e pressão social) e afetivos (impacto que a separação terá nas crianças) (Levinger, 1980).

Relativamente às atrações alternativas, estas procuram explicar a influência que outras relações fora do seu relacionamento atual têm na decisão de um casal permanecer junto. Esta força advém de diversos fatores, nomeadamente, a necessidade de um indivíduo ser socialmente independente, a auto-realização e a vontade de ter um parceiro sexual alternativo. Por fim, Levinger (1980; cit. por Mateus, 2011), acrescentou as barreiras alternativas com o intuito de perceber as restrições que levam a um dos parceiros a deixar outros relacionamentos relevantes, como é o caso de uma oportunidade de carreira em simultâneo com a família biológica. Contudo, o investigador indica que relacionamentos fora da parceria íntima podem afetar o nível de compromisso.

O Modelo dos Valores Sociais de Coesão (Levinger, 1980) refere-se essencialmente à estabilidade de um relacionamento. Assim, Levinger (1980) refere que a coesão conjugal aumenta à medida que as forças de atração são maiores dentro da relação e as forças de atração alternativas são menores fora da relação. Se um relacionamento seguir esta tipologia, os parceiros continuam num relacionamento sem impedimentos, embora cada um dos indivíduos tenha a necessidade de comparar (consciente ou inconscientemente) a sua relação com relações alternativas (Pope, 2010).

Modelo do Investimento de Caryl Rusbult. O Modelo do Investimento de Rusbult (1980) caracteriza o compromisso como sendo uma intenção de persistir e continuar num relacionamento através de sentimentos de vinculação psicológica (Rusbult, 1980).

Torna-se importante referir que este modelo se baseia na teoria da interdependência (Kelley & Thibaut, 1978), ou seja, todos os relacionamentos interpessoais são baseados na maximização dos ganhos e na minimização dos custos ou componentes a eles associados (Rusbult, Martz & Agnew, 1998). Esta teoria indica que a junção das mais-valias (provenientes do que se deu com o que recebeu) com as expectativas face à relação permitem fazer comparações com relacionamentos alternativos. Estas comparações deverão ser de carácter negativo (sobre qualquer outra relação alternativa) de modo a não prejudicar a continuidade da relação atual. Contudo, quando as comparações externas são positivas, o relacionamento atual começa a ser posto em causa, criando dúvidas e instabilidade no casal (Kelley & Thibaut, 1978, cit. por Rodrigues, Lopes & Oliveira, 2011).

Para Rusbult et al. (1998) o compromisso é unidimensional. Ainda assim, o modelo de investimento indica que a *satisfação com o relacionamento*, a *qualidade das alternativas* e o *tamanho dos investimentos* são determinantes que influenciam o compromisso (Rusbult et al., 1998).

Segundo Rusbult et al. (1998), a satisfação com o relacionamento está relacionada com o afeto e atração positiva que existe entre os parceiros. A qualidade das alternativas permite identificar outras pessoas, fora do relacionamento (como a família, amigos ou até outros potenciais parceiros), que respondam às necessidades de um indivíduo, ou seja, diz respeito à procura de uma melhor opção para além da própria (Rusbult, Agnew & Arriaga, 2011). O tamanho dos investimentos está relacionado com a profundidade e importância dos recursos (intrínsecos ou extrínsecos) investidos num relacionamento, como é o caso do tempo ou até dos apoios sociais. De acordo com Agnew (2009), este determinante permite-nos ainda

perceber que em certas situações as pessoas continuam comprometidas com um relacionamento não por causa de sentimentos positivos (satisfação), nem por falta de outras opções (qualidades de alternativas), mas sim porque se apercebem que o contrário lhes traria custos inaceitavelmente elevados. Assim, é possível verificar que as pessoas permanecem num relacionamento, embora muitas vezes não seja esse o seu desejo (Agnew, 2009).

A este respeito, Kurdek (2007) acrescentou mais um determinante do compromisso a este modelo, a *motivação evasão*, para refutar a ideia de que os parceiros não saem do relacionamento por medo das consequências a que se sujeitam.

O Modelo do Investimento de Rusbult (1980) apresenta determinantes que isoladamente, ou em conjunto, contribuem para os níveis do compromisso. Ainda assim, após vários estudos, alguns investigadores descobriram que a satisfação com o relacionamento e o tamanho do investimento estão positivamente correlacionados com o compromisso nas relações amorosas. Contudo, consideram que a qualidade das alternativas e a motivação estão negativamente correlacionadas com o fator do compromisso (Pope, 2010).

Rusbult e colegas (1998) desenvolveram um instrumento que permitisse testar o seu modelo do investimento. A escala foi criada com o intuito de promover testes empíricos sobre o compromisso e a interdependência nas relações amorosas. É composta por itens que permitem testar algumas premissas básicas subjacentes ao modelo de investimento. Deste modo, fornece informações consideradas relevantes relativamente à persistência ou dissolução dos relacionamentos e às escolhas dos parceiros em ficar ou abandonar a relação (Pope, 2010).

Contudo, torna-se importante referir algumas críticas e limitações presentes neste modelo. A aplicabilidade do modelo de investimento de Rusbult (1980) para parceiros com relacionamentos de longa duração parece questionável, devido à falta de testes empíricos do modelo com essa população (Le & Agnew, 2003). Por outro lado, Johnson, Caughlin e Huston (1999) questionam a definição de compromisso, indicando que o compromisso moral se encontra bastante implícito nestes contextos, visto as obrigações morais de cada indivíduo influenciarem a decisão de se manterem num relacionamento.

Modelo Tripartido de Johnson. Segundo Pope (2010), o modelo tripartido de Johnson (1991) refere-se à continuação de uma relação social existente nos casais, visto os indivíduos terem uma grande influência e dependência um sobre o outro. Este modelo pressupõe que os acontecimentos futuros derivam de interações íntimas e sociais entre o casal e é considerado como subjetivo na medida em que os indivíduos agem com base nas suas percepções.

Johnson (1991) desenvolveu o Modelo Tripartido do Compromisso de modo a demonstrar que o conceito de compromisso não era um constructo unidimensional como era referido nos dois modelos acima identificados. Para ele, e segundo Rodrigues e Lopes (2015), o compromisso baseia-se em três experiências fundamentalmente distintas: o compromisso pessoal (querer continuar num relacionamento), o compromisso moral (dever de continuar num relacionamento) e o compromisso estrutural (ter de continuar num relacionamento).

Paralelamente às experiências acima descritas, Johnson considera duas dimensões: as forças de atração e de restrição; e os processos externos e internos. As forças de atração referem-se à ideia de que os parceiros optam por continuar num relacionamento devido à sua dedicação pessoal e ao amor implícito por cada indivíduo. As forças de restrição consistem na ideia de que os parceiros mantêm os seus relacionamentos com o intuito de evitarem as consequências provenientes da separação (Pope, 2010).

Os processos internos correspondem à influência que as forças internas dos parceiros (como as atitudes, as crenças ou os valores) têm nas suas decisões e nos seus comportamentos para permanecerem num relacionamento (Pope & Cashwell, 2013). Por outro lado, os processos externos derivam das forças externas ao indivíduo (como as pressões sociais, a qualidade das alternativas ou a disponibilidade) que afetam as decisões e os comportamentos no âmbito da relação (Pope & Cashwell, 2013).

O Compromisso Pessoal. O compromisso pessoal é um dos conceitos definidos por Johnson para caracterizar o constructo de compromisso. Esta experiência advém de forças de atração e de processos internos, visto corresponder à ideia de um indivíduo querer ficar no seu relacionamento (Pope & Cashwell, 2013).

Segundo Johnson (1991, citado por Pope, 2010), este compromisso surge do auto-conceito e das atitudes (como atração, amor e dedicação) de um dos parceiros relativamente

ao seu relacionamento com o outro. Desta forma, estamos perante uma pessoa que quer manter o seu relacionamento devido à positividade das próprias atitudes e ao seu desejo de permanecer, e não por se sentir obrigado ou coagido a tal.

Johnson identificou três componentes subjacentes a este tipo de compromisso: as atitudes face ao parceiro; as atitudes face ao relacionamento com o parceiro; e a identificação com o relacionamento (Pope, 2010). Na realidade vários estudos mostram uma grande correlação entre os dois primeiros componentes, porém é possível verificar uma distinção entre os dois. De acordo com Pope (2010), é possível verificar em algumas situações uma atração positiva relativamente a um indivíduo. Contudo, essa pessoa nem sempre apresenta atitudes atrativas e seguras durante a relação amorosa, como é o caso dos parceiros violentos. Por outro lado, podemos estar perante um indivíduo que se comporte de forma exemplar e que apresente atitudes de carácter positivo para com o seu parceiro, mas onde é possível verificar uma inexistência de atração positiva (romantismo e emoções baixas). No que toca ao componente da identidade do relacionamento, esta está relacionada com o auto-conceito, ou seja, as relações sociais têm uma grande ênfase nesta componente por mostrarem aos indivíduos qual a imagem que transmitem para o exterior, tornando-se um fator essencial para a identidade dos dois (Pope & Cashwell, 2013).

O Compromisso Estrutural. De acordo com Oswald, Goldberg, Kuvalanka & Clausell (2008), o compromisso estrutural está relacionado com a ideia de se ter de continuar num relacionamento. Esta ideia surge da junção das forças de restrições e dos processos externos ao indivíduo.

Na realidade, apesar dos sentimentos internos do parceiro serem positivos ou negativos, os fatores fora desse contexto acabam por ter uma elevada responsabilidade perante as pessoas, induzindo muitas vezes o indivíduo a manter o relacionamento. Pope (2010) indica que os fatores de carácter social, ambiental, ou até institucional são consideradas como forças constrangedoras que apresentam uma elevada pressão na decisão que se toma. Assim, as influências externas levam o indivíduo a permanecer num relacionamento, independentemente dos seus sentimentos tanto com a relação como ao nível da satisfação perante o relacionamento e o parceiro (Johnson, 1999, citado por Pope, 2010).

O compromisso estrutural apresenta quatro componentes: as potenciais alternativas para o atual relacionamento; a pressão social; os investimentos irrecuperáveis; e por fim a dificuldade percebida de terminar um relacionamento (Pope, 2010). Relativamente às

alternativas aceitáveis, esta diz respeito a fatores como a acessibilidade, circunstâncias ambientais (nomeadamente, habitação, emprego, questões relativas aos filhos, entre outras) e qualidades de potenciais parceiros. Esta dimensão é considerada importante, visto existirem questões paralelas à relação que podem ser prejudicadas caso haja uma separação entre os parceiros (Johnson, 1999, citado por Pope, 2010).

Segundo Pope (2010), a componente da pressão social refere-se às exigências de outros perante o relacionamento. Nesta componente, é importante salientar que existem duas maneiras de classificar: quando existe um indivíduo que não se sente bem na relação e que o seu intuito seria terminá-la, mas que por medo ou vergonha do que os outros possam dizer não o faz, podemos dizer que estamos perante uma elevada pressão social; por outro lado, quando os indivíduos não internalizam as exigências dos outros sobre as obrigações para com o seu parceiro e relacionamento, estamos perante processos internos normais, ou seja, baixa pressão social sobre o indivíduo.

Os investimentos irrecuperáveis são, muitas vezes, um dos fatores decisivos num relacionamento. Muitas vezes os parceiros consideram que o tempo e a energia despendida pela relação foi tão grande que preferem permanecer juntos em vez de exercerem recursos para encontrarem outros relacionamentos (Johnson, 1999, citado por Pope, 2010).

Por fim, a dificuldade percebida de terminar um relacionamento está relacionada maioritariamente aos casais que são casados, que têm filhos e que tenham uma vida em comum. Nestas situações, esta componente torna-se relevante pois existem fatores que condicionam a facilidade deste processo, como é o caso das questões burocráticas subjacentes a uma separação (Johnson, 1991, citado por Pope, 2010).

Modelo Tripartido de Johnson - O Compromisso Moral. O compromisso moral advém de processos internos estabelecidos a partir das crenças e valores de cada indivíduo. Este apresenta uma sensação de dever perante a relação, ou seja, os parceiros sentem que devem continuar num relacionamento. A transmissão desse dever sublinha a sensação do que é certo ou errado, obrigando a tomar decisões perante aquilo que cada um acredita. Assim, Johnson (1999, citado por Pope, 2013) caracteriza esse modo de pensar como uma auto-limitação, mostrando que as forças que mantêm uma relação surgem de dentro do indivíduo.

Ainda assim, o Compromisso Moral advém de uma predisposição intrapessoal. Neste seguimento, o compromisso moral é formado antes do início de um relacionamento, sendo influenciado por diferentes valores e crenças, como é o caso da religiosidade (Johnson, Caughlin, e Huston, 1999). De facto, se os indivíduos se encontram moralmente comprometidos com eles próprios, numa relação esse compromisso irá demonstrar a manutenção da relação devido às próprias barreiras internas. Rodrigues e Lopes (2015) referem ainda que o compromisso moral não é necessariamente algo negativo (como por exemplo os sentimentos de aprisionamento), podendo até promover positivamente o compromisso, através da qualidade marital. Esta indicação permite não só expressar a identidade e os valores de cada um como até promover o uso de estratégias de manutenção no relacionamento.

Segundo Johnson (1991, citado por Pope & Cashwell, 2013), o compromisso moral envolve três componentes muito importantes: as atitudes face ao casamento; as atitudes face ao divórcio; e os valores de consistência. As atitudes face ao casamento dizem respeito à responsabilidade presente no indivíduo quando iniciou a sua relação amorosa, sendo algo trabalhado a longo prazo de forma a definir atitudes que possam preservar e manter uma relação positivamente em alturas mais conturbadas e difíceis (Pope & Cashwell, 2013).

As atitudes face ao divórcio surgem quando os indivíduos se sentem moralmente obrigados a permanecer num relacionamento por causa das opiniões de outras pessoas sobre a dissolução da sua relação (como por exemplo os filhos, família ou amigos). Outro fator importante nesta componente é o medo que o indivíduo possa ter em terminar a relação, ou seja, ele considera que as consequências provenientes da separação são maiores do que se mantiver a relação (Pope & Cashwell, 2013).

Os valores de consistência estão relacionados com as crenças, valores ou normas sociais (como é o caso da religiosidade) que cada parceiro tem sobre certos tipos de relação,

nomeadamente relações conjugais. Por exemplo, indivíduos de certas origens culturais podem sentir uma sensação de dever de manter um relacionamento, porque a dissolução de seu relacionamento pode trazer desonra para toda a família (Pope, 2010). Atualmente, este terceiro componente do compromisso moral apenas foi estudado diretamente num único estudo, não tendo sido emergido como um componente de compromisso moral nas relações conjugais (Pope, 2010). Alguns investigadores descobriram que as características de personalidade são semelhantes a esta dimensão de Johnson visto contribuírem para a consistência dos indivíduos nos seus pensamentos, sentimentos e comportamentos ao longo do tempo.

Johnson e colegas (1999) desenvolveram um instrumento que permitisse testar esta dimensão do modelo tripartido. Desta forma, a escala foi criada com o intuito de avaliar o constructo de compromisso moral em casais e é composta por itens que permitem testar os três fatores acima descritos (Johnson et al. 1999).

Vários estudos relacionam o compromisso moral com outras variáveis, nomeadamente com a coabitação, com a filiação e com as diferenças entre géneros. Relativamente à coabitação, Pope (2010) revela que os casais que vivem juntos (coabitação) apresentam taxas mais elevadas de compromisso comparativamente com as relações conjugais. A coabitação está positivamente relacionado com o compromisso incluindo a qualidade do relacionamento, a satisfação, a monitorização do relacionamento interpessoal, o conhecimento contínuo da relação e o tamanho do investimento (Kurdek, 2008). Ainda assim, Pope (2010) revela que existem outros fatores que parecem influenciar positivamente o compromisso, como é o caso da divulgação social do relacionamento, a comunicação construtiva, os valores compartilhados, as crenças e os objetivos.

Oswald et al. (2008) revelam-nos, através do estudo sobre o compromisso moral nos casais homossexuais, que os casais que vivem junto são os mais propensos a legalizarem e demonstrarem a sua relação enquanto casal. Este resultado demonstra que estes casais são os que mais desejam o casamento e que tendem a valorizar o casamento para convencional. Desta forma, os autores indicam que existe uma elevada relação entre o compromisso e a coabitação, afirmando que estes podem representar os casais com maior probabilidade de ficarem juntos.

Em relação à filiação, Pope (2010), indica que existe alguma relação com o compromisso moral sustentando a dimensão do modelo de Johnson das atitudes face ao casamento e corroborando com outros estudos existentes. Este resultado advém dos

sentimentos de obrigação que os indivíduos têm para com os seus parceiros e para com os seus filhos. Pope (2010) revela ainda que quando um casal tem um filho automaticamente existem outros fatores subjacentes, como é o caso do tempo dispensado, do esforço e dos recursos financeiros. Contudo, o envolvimento dos parceiros nestas tarefas promove a ligação e o comprometimento entre os dois indivíduos, afirmando que o compromisso moral advém do processo (consciente) da tomada de decisão.

Ao nível do compromisso moral, existem poucos estudos que revelam quais as diferenças que existem entre os géneros. Contudo, um estudo realizado por Hampel e Vangelisti (2008) revela que de uma forma geral os homens e as mulheres produzem uma sensação de compromisso nos relacionamentos de forma similar. No entanto, os autores afirmam que é importante não assumir que a forma de atuação e de compromisso percebido sejam iguais, visto existir uma diferença nos padrões de interação dos dois géneros. Para as mulheres os seus valores são mais manifestados na sua relação enquanto que para os homens a opinião das outras pessoas perante o seu relacionamento apresenta alguma relevância (Hampel & Vangelisti, 2008).

Relação entre os Tipos de Compromisso nas Relações Amorosas e Escalas de Medida de Compromisso Moral

O Modelo Tripartido de Johnson permite explicar a estabilidade de um relacionamento. Contudo, o autor refere que o compromisso pessoal é independente aos outros dois tipos de compromisso, visto esse compromisso ser influenciado pelas atrações que sentem sobre o parceiro e pelas identificações que têm pelos seus relacionamentos. Ainda assim, estudos realizados por Johnson et al. (1999) e Ramirez (2008), revelam que maiores níveis de compromisso pessoal e moral podem contribuir para comportamentos de manutenção, aumentando a probabilidade de estabilidade nas relações amorosas. Por outro lado, quando os casais apresentam baixos níveis de compromisso pessoal e moral, juntamente com altos níveis de comprometimento estrutural, possivelmente existirá uma elevada motivação (derivado de pensamentos e ações) para terminarem o relacionamento (Pope, 2010).

Para Pope (2010), quando temos elevados níveis de compromisso estrutural (neste caso, o parceiro quer abandonar a relação), os indivíduos devem procurar outras atividades e

ações para os tentarem diminuir, como por exemplo oportunidades de trabalho. Contudo, se apresentarem elevados níveis de compromissos pessoal e moral podem reduzir essa influência, visto os dois compromissos estarem positivamente relacionados com a satisfação do relacionamento e com a sua manutenção (Johnson, 1999, & Ramirez, 2008, citado por Pope, 2010).

Apesar dos modelo de Johnson et al. (1999) e o modelo do investimento de Rusbult (1980) apresentarem construtos próximos, estes apresentam algumas diferenças. O estudo realizado por Rodrigues e Lopes (2015) sugere o compromisso moral é um componente adicional que influencia o compromisso geral através de investimentos percebidas e não através da satisfação ou qualidade de alternativas.

Segundo Rodrigues e Lopes (2015) o compromisso moral pode ser visto como um antecedente dos preditores do compromisso, nomeadamente dos investimentos intrínsecos dos parceiros face ao seu relacionamento. Desta forma, compromisso moral deve ser concebido como uma predisposição interna com o intuito de promover a perceção de barreiras intrínsecas, possivelmente aumentando a manutenção relação. Contudo, no estudo de Rodrigues e Lopes (2015) os dados não permitiram confirmar definitivamente esta relação.

Para além da escala de Johnson et al. (1999), existem outras escalas que permitem medir o construto de compromisso, tais como: *Cohabiting Partners Moral Commitment Clusters* (Pope, 2010) e *Assessment of Relationship Commitment* (Gagné e Lydon, 2003). Contudo, as escalas existentes não são suficientes visto não abrangerem toda a população. Globalmente as escalas estão apenas direcionadas ou para indivíduos que estejam perante um contrato matrimonial (Johnson et al., 1999) ou para parceiros homossexuais (Pope, 2010), sendo que a escala de Gagné e Lydon (2003) mede o compromisso apenas em população muito jovem, não sendo uma amostra muito representativa.

A este respeito, o presente estudo tem como objetivo não só aumentar a aplicabilidade do construto, como também alargar o campo do compromisso moral para algo como a "obrigatoriedade moral" dos indivíduos para com a sua relação amorosa. Para tal, de seguida apresentamos a construção e análise das principais características psicométricas de uma escala de *moral obligation*.

Neste capítulo foi possível explicar e delimitar o construto de compromisso moral, observando-se algumas evidências, nomeadamente que este construto se relaciona com outros

modelos de compromisso e que ele se mostra diferente com base em diferentes variáveis de caracterização sociodemográfica. Desta forma, nos próximos capítulos será apresentada a construção e a validação de uma escala de *moral obligation*, bem como outras propriedades psicométricas da mesma junto de uma amostra diversificada de indivíduos portugueses com um relacionamento romântico.

Método

Participantes

Inicialmente, a amostra deste estudo era constituída por 720 participantes. Visto a amostra ser muito heterogénea, nomeadamente no que diz respeito à nacionalidade, decidiu-se restringir os participantes por questões de enviesamentos (como por exemplo a cultura), apenas para os participantes heterossexuais com nacionalidade Portuguesa oriundos de vários pontos do país. Desta forma, a amostra final ficou a ser constituída por 536 participantes, com idades compreendidas entre os 16 e os 78 anos ($M = 32.15$, $SD = 12.85$), sendo 58.2% do sexo feminino e 26.9% do sexo masculino (80 participantes não responderam a esta questão, representando assim 14.9% da amostra).

De acordo com outras questões sociodemográficas, é possível verificar que maioritariamente são participantes residentes na área metropolitana de Lisboa (53.4%). Contudo, a região Centro de Portugal também apresenta uma percentagem considerável de cerca de 32.1%.

Relativamente ao estado civil, a maioria são solteiros num relacionamento (33.8%), de seguida solteiros em união de facto (23.5%), casados (27.1%), divorciados num relacionamento (8.4%), viúvos num relacionamento (3.9%), divorciados em união de facto (2.2%) e por fim, viúvos em união de facto (1.1%). É de salientar que 51.1% dos participante não têm filhos e 34% têm filhos (14.9% dos participantes não responderam a esta questão).

No que diz respeito à coabitação, 50.6% dos participantes vivem com os seus companheiros ao invés de 40.6% que não vivem com os parceiros (42 participantes não responderam a esta questão, cerca de 7.8% da amostra).

Caraterização dos Instrumentos de Medida

O questionário utilizado neste estudo é composto por três grupos de questões, nomeadamente um grupo de questões sociodemográficas, a escala do Modelo de Investimento de Rusbult (Rusbult et al., 1998), e por fim a escala criada para a presente investigação denominada *Moral Obligation Scale*¹.

Escala de *Moral Obligation*. No decorrer das diversas consultas bibliográficas, não foi encontrado nenhum instrumento que permitisse avaliar de forma satisfatória e abrangente a totalidade das componentes do constructo do compromisso moral nas relações amorosas. Por este motivo, procedeu-se à elaboração de um instrumento de raiz, baseado em vários instrumentos já existentes, com itens que nos fornecessem as informações pretendidas.

Após esta revisão, a construção do *pool* de itens para a escala em estudo, *Moral Obligation*, foi baseada em 3 escalas: *Moral Commitment Scale* (Johnson et al, 1999), *Cohabiting Partners Moral Commitment Clusters* (Pope, 2010) e *Assessment of Relationship Commitment* (Gagné e Lydon, 2003).

Como já foi referido anteriormente, o *Moral Commitment Scale* é um instrumento de avaliação do constructo de compromisso. Esta escala contempla 3 dimensões, o compromisso pessoal, o compromisso moral e o compromisso estrutural, apresentando um total de 42 itens. Contudo, para o presente estudo, apenas foram utilizados os itens correspondentes à dimensão do compromisso moral. É de salientar que na *Moral Commitment Scale* o compromisso moral apresentava três fatores, as atitudes face ao divórcio com 5 itens ($\alpha=0.74$), as atitudes face ao casamento com 4 itens ($\alpha=0.76$) e os valores de consistência com 4 itens ($\alpha=0.71$). Para a construção da nova escala foram utilizados os 13 itens pertencentes a esta dimensão de Johnson (que correspondem na escala em estudo aos itens do 1 ao 13; ver Anexo B).

Relativamente à escala *Cohabiting Partners Moral Commitment Clusters*, esta é composta por 75 itens, contudo apenas foram utilizados 19 itens (que correspondem aos itens do 14 ao 32; ver Anexo B). O critério de seleção baseou-se na identificação dos itens originais (que não repetiam os itens apresentados na escala de Johnson) e que apresentassem *loadings* mais elevados, ou seja, os itens que fossem mais representativos. É importante salientar que nesta escala não há referência aos indicadores clássicos de consistência interna (alfas), visto a autora adotar outra estratégia, nomeadamente a análise de clusters. De acordo com o que está

¹ O termo ainda não está consensualizado em Português, desta forma decidiu-se manter o termo em Inglês;

descrito no artigo de Pope e Cashwell (2013), apenas temos acesso à consistência com que os participantes identificaram os itens dentro de cada cluster respectivo.

No que toca à *Assessment of Relationship Commitment* de Gagné e Lydon (2003), esta apresenta na totalidade 9 itens, mas apenas foram utilizados para a escala em estudo 6 itens (que correspondem aos itens do 33 ao 38; ver Anexo B). A escala original apresentava 6 itens originais dos autores, 1 item da escala de Rusbult e 2 itens que acabaram por se agregar a uma outra dimensão sem ser o compromisso moral. Desta forma, o alfa que compõe o fator de compromisso moral dessa escala refere-se apenas aos 7 itens ($\alpha=0.76$) não sendo possível identificar o alfa referente aos 6 itens que foram utilizados para o presente estudo. É importante salientar que todos estes itens foram publicados originalmente por Lydon e Pierce (1997) no artigo referente ao *Coping with moral commitment to long-distance dating relationships*.

Desta forma, e de acordo com o que foi referido anteriormente, segue-se o quadro 1 que demonstra resumidamente de que forma é composta a escala em estudo - *Moral Obligation*.

Quadro 1: *Composição da escala de Moral Obligation*

Autores	Escalas Originais		Escala de <i>Moral Obligation</i>	
	Dimensões	Nº de Itens	Nº de Itens e nº correspondente na escala Moral Obligation	Exemplos
Johnson et al (1999)*	a) Compromisso Pessoal b) Compromisso Moral c) Compromisso Estrutural	Total: 42 itens a) 7 itens; b) 13 itens; c) 22 itens;	b) 13 itens: 1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 9; 10; 11; 12; 13;	"Separar-me do/da meu/minha parceiro/a vai contra aquilo em que eu acredito" "Sinto frequentemente que devo terminar aquilo que começo"
Pope (2010)**	--	Total: 75 itens	19 itens: 14; 15; 16; 17; 18; 19; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 28; 29; 30; 31; 32;	"Devo manter o meu relacionamento porque o/a meu/minha parceiro/a é a minha única família" "Devo manter-me no meu relacionamento porque sentir-me-ia culpado se deixasse o/a meu/minha parceiro/a"
Gagné & Lydon (2003)***	--	Total: 9 itens	6 itens: 33; 34; 35; 36; 37; 38.	"Permaneço no meu relacionamento porque me sinto obrigado a isso" "Permaneço no meu relacionamento porque sinto o dever de o manter"

Notas: * Johnson, M., Caughlin, J., & Huston, T. (1999). *Moral Commitment Scale*; ** Pope (2010). *Cohabiting Partners Moral Commitment Clusters*; *** Gagné & Lydon (2003). *Assessment of Relationship Commitment*;

Os itens presentes na escala encontram-se sob a forma de afirmações, avaliadas pelos participantes através do uso de uma escala tipo *Likert* de sete alternativas (de 1- "Discordo Totalmente" a 7- "Concordo Totalmente"). Este formato permite não só a possibilidade de resposta neutra, como respostas intermédias entre os polos, sendo perceptível para qualquer pessoa. Ainda assim, para minimizar o efeito de desejabilidade social, foi garantido o anonimato e a confidencialidade dos dados.

Escala do Modelo de Investimento de Rusbult. A escala do Modelo de Investimento de Rusbult (Rusbult et al., 1998) apresenta um total de 22 itens distribuídos por 4 dimensões: 5 itens correspondem ao Nível de Satisfação ($\alpha=0.92$) como por exemplo "Sinto-me satisfeito/a com o meu relacionamento"; 5 itens correspondem à Qualidade das Alternativas ($\alpha=0.86$) a título de exemplo "Outras pessoas com quem poderia envolver-me (sem ser o/a meu/minha parceiro/a) são muito apelativas"; 5 itens dizem respeito ao Tamanho dos Investimentos ($\alpha=0.80$) como por exemplo "Eu investi tanto no meu relacionamento que acabaria por perder tudo se o relacionamento terminasse"; e por fim a última dimensão que se refere ao Nível de Compromisso ($\alpha=0.91$) apresentando 7 questões como "Desejo que o meu relacionamento dure por muito tempo" (Anexo C). Esta escala foi introduzida no questionário em estudo de modo a testar a validade convergente da escala *Moral Obligation* com a escala de Rusbult et al. (1998), tal como foi referido na introdução. É importante referir que para o presente estudo foi utilizada a versão validada por Rodrigues e Lopes (2015).

Questões Sociodemográficas. Neste grupo foram apresentadas um conjunto de 8 perguntas de carácter sociodemográfico, tais como: "Qual a sua idade?", "Qual o seu sexo?", "País de Naturalidade", "Área Habitual de Residência", "Qual o seu estado civil?", "Duração do Relacionamento", "Vive com o seu Companheiro?", "Tem filhos?". É importante referir que estes dados servem para caracterizar a amostra e que algumas perguntas eram de resposta aberta, outras de escala dicotómica e outras apresentavam uma escala de escolha múltipla (anexo A).

Procedimento

A amostra recolhida para este estudo é caracterizada como sendo uma amostragem não aleatória ou não probabilística, por conveniência, ou seja, selecionamos a população mais acessível para o estudo. Desta forma, os itens do questionário foram introduzidos na plataforma online Qualtrics e posteriormente o *hyperlink* resultante do mesmo foi publicado e

partilhado por diversas redes sociais (como por exemplo, *Facebook*) de modo a obter diversas respostas.

Todos os participantes, ao acederem ao *hiperlink*, foram informados de que estariam a participar num estudo sobre diferentes dinâmicas que se estabelecem entre duas pessoas num relacionamento amoroso, e que seriam apresentadas algumas questões sobre diferentes aspetos dos relacionamentos interpessoais. Ainda assim, foram também informados da confidencialidade dos dados, impossibilitando qualquer identificação, e foi indicado o contacto de email a fim de obterem mais informações ou colocarem questões ou comentários sobre o estudo.

O início do questionário é composto por perguntas de carácter sociodemográfico (idade, país de naturalidade, área habitual de residência, estado civil e duração do relacionamento). Posteriormente, é apresentado um conjunto de questões relativas ao Compromisso Moral, à Satisfação e ao Modelo de Investimento de Rusbult. Nesta fase, é pedido ao participante para responder às questões pensando no seu relacionamento amoroso ou, caso não tenha atualmente, para pensar no último relacionamento que teve. De seguida, foram apresentadas mais algumas perguntas sociodemográficas (religião, orientação política, orientação sexual, habilitações académicas, número de filhos) de modo a caracterizar melhor a amostra dos participantes. No final, foi apresentado um debriefing e agradecimento aos participantes não só pelo seu contributo para este estudo, como pela confiança demonstrada em fornecer as suas informações. Ainda assim, foi dito aos participantes que poderiam obter mais informações sobre o estudo mediante o envio de uma mensagem para um email criado para o efeito. É importante referir que não existia tempo limite para o preenchimento dos questionários.

Resultados

Este capítulo destina-se à apresentação dos resultados obtidos na amostra em estudo. Inicialmente, são exibidas as características descritivas de todos os itens pertencentes à escala de *Moral Obligation* (média, desvio-padrão, mínimos e máximos, assimetria e curtose), seguidas das análises às qualidades psicométricas da escala, como a validade de construto e fidelidade da escala. Posteriormente, são apresentadas as correlações entre esta escala e a escala do Modelo de Investimento de Rusbult utilizada no questionário

Caraterísticas Descritivas dos Itens

O quadro 2, abaixo apresentada, permite analisar algumas caraterísticas pertinentes das medidas de estatística descritiva relativamente aos itens² que constituem a escala de *Moral Obligation* e que foram apresentadas aos participantes do estudo.

Quadro 2: *Estatísticas Descritivas dos Itens*

Itens	M	SD	Min	Max	Ske	Ske/s.e.	Kur	Kur/s.e.	One sample t test		
									df	t	p
Item 1	5.26	1.80	1	7	-0.96	-8.65	-0.06	-0.27	482	15.37	.000
Item 2	4.58	1.99	1	7	-0.41	-3.69	-1.06	-4.77	483	6.39	.000
Item 3	3.54	2.00	1	7	0.29	2.61	-1.21	-5.45	482	-5.03	.000
Item 4	2.44	1.71	1	7	1.14	10.27	0.42	1.89	483	-20.15	.000
Item 5	3.27	2.10	1	7	0.43	3.87	-1.19	-5.36	482	-7.71	.000
Item 6	3.41	2.05	1	7	0.35	3.15	-1.14	-5.14	483	-6.34	.000
Item 7	3.37	1.99	1	7	0.36	3.24	-1.07	-4.82	482	-6.95	.000
Item 8	5.08	1.94	1	7	-0.75	-6.76	-0.68	-3.06	483	12.27	.000
Item 9	3.12	1.94	1	7	0.58	5.23	-0.85	-3.83	482	-9.98	.000
Item 10	5.26	1.72	1	7	-0.90	-8.11	-0.06	-0.27	483	16.10	.000
Item 11	6.31	1.11	1	7	-1.99	-17.93	4.24	19.10	483	45.59	.000
Item 12	5.31	1.80	1	7	-0.99	-8.92	0.02	0.09	483	15.94	.000
Item 13	4.55	1.95	1	7	-0.41	-3.69	-0.98	-4.41	483	6.22	.000
Item 14	3.60	1.99	1	7	0.21	1.86	-1.20	-5.31	464	-4.39	.000
Item 15	3.82	2.03	1	7	0.08	0.71	-1.28	-5.66	464	-1.90	.058
Item 16	4.79	1.84	1	7	-0.53	-4.69	-0.79	-3.50	464	9.21	.000
Item 17	4.82	1.80	1	7	-0.56	-4.96	-0.71	-3.14	464	9.80	.000
Item 18	2.84	1.79	1	7	0.74	6.55	-0.45	-1.99	464	-13.98	.000
Item 19	3.30	2.00	1	7	0.39	3.45	-1.12	-4.96	464	-7.56	.000
Item 20	2.41	1.73	1	7	1.14	10.09	0.28	1.24	464	-19.88	.000
Item 21	2.53	1.76	1	7	0.99	8.76	-0.07	-0.31	464	-18.07	.000
Item 22	2.29	1.70	1	7	1.22	10.80	0.40	1.77	463	-21.69	.000
Item 23	1.74	1.36	1	7	2.11	18.67	3.81	16.86	464	-35.82	.000
Item 24	3.42	2.12	1	7	0.36	3.19	-1.22	-5.40	463	-5.89	.000
Item 25	2.65	1.88	1	7	0.92	8.14	-0.34	-1.50	464	-15.53	.000
Item 26	1.97	1.44	1	7	1.53	13.54	1.45	6.42	462	-30.30	.000
Item 27	1.90	1.48	1	7	1.74	15.40	2.22	9.82	462	-30.47	.000
Item 28	2.46	1.83	1	7	1.04	9.12	-0.07	-0.31	455	-18.01	.000
Item 29	2.00	1.47	1	7	1.52	13.33	1.59	7.00	461	-29.13	.000
Item 30	1.97	1.54	1	7	1.65	14.47	1.84	8.11	461	-28.32	.000
Item 31	1.75	1.29	1	7	1.96	17.35	3.32	14.69	462	-37.58	.000
Item 32	1.63	1.28	1	7	2.41	21.33	5.44	24.07	462	-39.67	.000
Item 33	4.16	2.04	1	7	-0.16	-1.40	-1.21	-5.33	460	1.74	.083
Item 34	2.67	1.90	1	7	0.88	7.72	-0.47	-2.07	460	-15.09	.000
Item 35	2.97	2.08	1	7	0.61	5.35	-1.07	-4.71	460	-10.63	.000
Item 36	1.59	1.23	1	7	2.44	21.40	5.62	24.76	460	-42.08	.000
Item 37	2.58	1.89	1	7	0.96	8.42	-0.35	-1.54	460	-16.15	.000
Item 38	2.15	1.65	1	7	1.49	13.19	1.33	5.88	462	-24.08	.000

Em qualquer dos itens é possível verificar a presença de todos os valores de classificação de resposta, mínimo de "1- Discordo Totalmente" e o máximo de "7- Concordo

² Ver a descrição dos itens no Anexo A;

Totalmente", visto as médias variarem entre 1.59 e 6.31 e o desvio-padrão entre os 1.11 e os 2.12. O item 36 ("Permaneço no meu relacionamento porque me sinto obrigado a isso") foi o que apresentou a média mais baixa, enquanto o item 11 ("É importante seguir sempre aquilo em que acredito") apresentou a média mais elevada.

Em termos de distribuição, os itens globalmente revelaram índices de assimetria e de curtose significativos. É importante referir que se trata de uma amostra e não de uma população, desta forma estes índices assumem como referência, os valores $-2 < \text{Assimetria/S.E.} < 2$ para uma distribuição simétrica, e $-2 < \text{Curtose/S.E.} < 2$ para um achatamento mesocúrtico.

Relativamente aos valores de assimetria, os itens 1, 2, 8, 10, 11, 12, 13, 16 e 17 assumem índices mais pequenos, com uma distribuição assimétrica negativa ou enviesada à direita, revelando predominância das médias mais elevadas. Por outro lado, os itens 14, 15 e 33 apresentam uma distribuição simétrica, e os restantes itens apresentam o valor de assimetria distintamente mais elevado, representando assim uma distribuição assimétrica positiva ou enviesada à esquerda.

No que toca aos índices de achatamento, os itens 11, 23, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 36 e 38 apresentam índices com o maior valor representando assim uma distribuição leptocúrtica. Contudo, os itens 1, 4, 10, 12, 18, 20, 21, 22, 25, 28 e 37 apresentam uma distribuição mesocúrtica e os restantes itens revelam índices muito reduzidos apresentando uma distribuição platicúrtica.

No que diz respeito ao teste t para uma amostra, a análise foi realizada contra o ponto médio da escala (test value = 4). Desta forma, 36 itens são significativos, sendo que 9 se encontram acima do ponto médio da escala e 27 abaixo do ponto médio. Os outros dois itens não são significativos, revelando que estão exatamente em cima do ponto médio.

Uma vez que os itens apresentam níveis de assimetria e achatamento consideráveis (existindo uma grande percentagem de itens com uma distribuição aproximadamente não normal) afetou-se, previamente ao cálculo da análise fatorial, todos os itens à sua raiz quadrada de forma a obter uma distribuição mais suavizada (Tabachnik & Fidell, 2014).

Estudo da Validade de Construto e Fidelidade da Escala de *Moral Obligation*

De modo a verificar a adequabilidade da análise fatorial, realizou-se o teste de KMO. Este teste obteve um valor de 0.92, considerado muito bom, indicando que a análise fatorial resultante se adequa à amostra considerada para a presente investigação.

Para averiguar a validade do constructo da escala, os dados foram submetidos a uma análise fatorial exploratória, método de extração em componentes principais, e com rotação *promax*. Inicialmente, a análise mostrou a existência de 8 fatores. Contudo, os últimos quatro fatores eram pouco significativos, distribuindo-se entre si de forma homogênea, assumindo apenas 3% a 2% da variância total. Posto isto, dado a multiplicidade de fatores para explicar este fenómeno, e consultando-se o *scree-plot* (ver figura 1), forçou-se uma nova análise a 4 fatores, conforme se pode constatar no quadro 3, sendo que esta organizou 31 dos 38 itens originais. É importante referir que foi definido um critério para a seleção dos itens da escala original, especificamente índices de saturação iguais ou superiores a 0.40 dos itens nos respectivos factores.

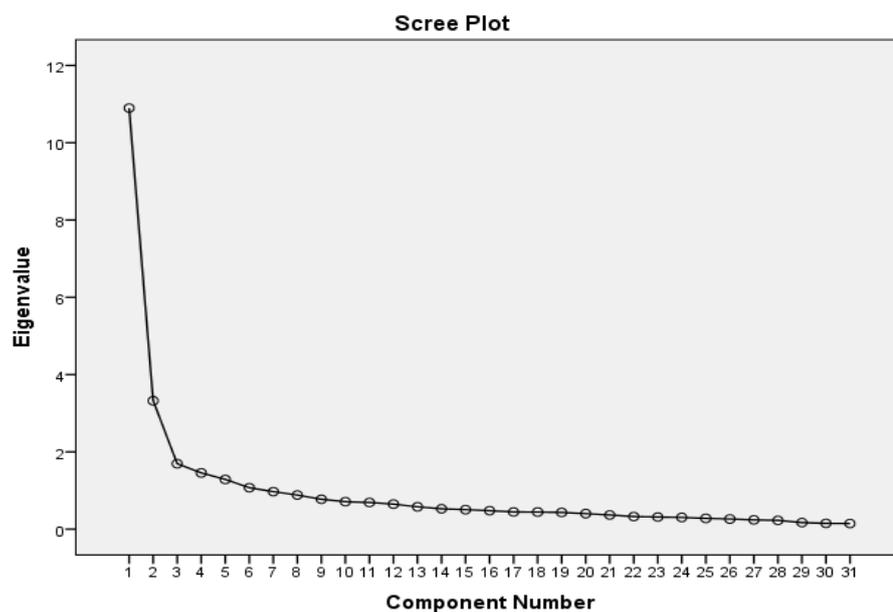


Figura 1. *Scree-Plot*

Quadro 3: *Análise Fatorial Exploratória com Rotação Promax*

Dimensions and Items	F1	F2	F3	F4	Corrected Item-total correlations
Pressão Social e Manutenção da Relação (F1) - 14 Itens					
32. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque posso ser rejeitado por outras pessoas caso terminássemos	.96	-.21	.01	-.05	.75
27. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque é aquilo que é esperado pelas pessoas que nos rodeiam	.95	-.15	.01	-.04	.80
23. Devo manter-me no meu relacionamento por causa do que as outras pessoas podem pensar de mim caso termine com o/a meu/minha parceiro/a	.94	-.13	-.04	-.08	.76
31. Devo manter o meu relacionamento porque eu e o/a meu/minha parceiro/a temos amigos/amigas em comum	.89	-.11	.00	-.06	.73
30. Devo manter o meu relacionamento porque o/a meu/minha parceiro/a é a minha única família	.84	.01	-.28	.15	.71
26. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque os membros da minha família ficariam aborrecidos	.83	-.01	-.03	.01	.77
29. Devo manter o meu relacionamento porque eu sou a única família que o/a meu/minha parceiro/a tem	.83	-.03	-.28	.16	.68
36. Permaneço no meu relacionamento porque me sinto obrigado a isso	.75	-.05	.03	-.10	.66
28. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque temos um/uma filho/a / filhos/filhas	.60	.11	-.18	.19	.60
22. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque é um modelo para outras pessoas com as quais nos relacionamos	.58	.07	.21	-.02	.67
20. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque não me quero sentir responsável por terminá-lo	.51	.23	.16	.00	.68
34. Permaneço no meu relacionamento porque iria sentir pena ao deixar o/a meu/minha parceiro/a	.49	.14	.28	-.11	.63
25. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque o processo de separação seria terrível	.49	.21	.15	-.02	.64
37. Permaneço no meu relacionamento porque sinto o dever de o manter	.41	.13	.24	-.08	.53
Perspetivas e Consequências da Separação/Abandono do Parceiro (F2) - 8 Itens					
3. Não vejo problemas em separar-me do/da meu/minha parceiro/a, caso as coisas não estejam a correr bem	-.21	.99	-.21	-.21	.47
4. Se fizer todos os possíveis para que o meu relacionamento tenha sucesso e, mesmo assim, não o conseguir, então a separação é a melhor solução	.02	.92	-.23	-.27	.50
2. Separar-me do/da meu/minha parceiro/a vai contra aquilo em que eu acredito	-.23	.72	.01	.10	.53
19. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque terminá-lo seria o mesmo que desistir	.04	.54	.26	.03	.66
7. Nunca abandonaria o/a meu/minha parceiro/a porque ele/a necessita muito de mim	.07	.47	.13	.23	.64
18. Devo manter-me no meu relacionamento porque sentir-me-ia culpado se deixasse o/a meu/minha parceiro/a	.26	.46	.21	-.00	.69

9. Nunca poderia abandonar o/a meu/minha parceiro/a porque sentir-me-ia culpado/a por o/a desapontar	.19	.45	.14	.22	.68
6. Sentir-me-ia mal com a separação por ter prometido ao/à meu/minha parceiro/a que ficaríamos juntos para sempre	.12	.42	-.02	.29	.55

Tolerância e Compreensão face ao Parceiro e Relacionamento (F3) - 4 Itens

17. Devo manter-me no meu relacionamento porque reconheço que não sou perfeito e devo ser tolerante e aceitar os pontos fracos do/a meu/minha parceiro/a	-.15	-.16	.96	-.00	.58
16. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque reconheço que não sou perfeito/a e devo ser tolerante e aceitar as dificuldades que vão surgindo no nosso relacionamento	-.17	-.18	.95	.06	.58
35. Permaneço no meu relacionamento porque sinto compaixão relativamente ao/à meu/minha parceiro/a	.36	-.01	.53	-.12	.46
33. Permaneço no meu relacionamento porque me preocupo com o/a meu/minha parceiro/a	.09	.14	.50	.01	.50

Valores de Consistência (F4) - 5 Itens

12. Sinto frequentemente que devo terminar aquilo que começo	.09	-.11	-.22	.77	.44
10. Sempre que prometo algo, sinto-me obrigado/a a cumprir a promessa	-.01	-.09	.15	.71	.54
11. É importante seguir sempre aquilo em que acredito	-.09	-.37	.14	.68	.34
13. Mesmo que as coisas se tornem complicadas, devo cumprir aquilo que prometi	.00	.26	-.04	.62	.52
8. Seria muito difícil dizer ao/à meu/minha parceiro/a que pretenderia separar-me	-.12	.21	.17	.42	.37

Eigenvalue	10.90	3.32	1.69	1.46	--
Explained Variance	35.15	10.72	5.47	4.70	--
Cronbach alpha	.93	.85	.73	.68	--
Média	1.37	1.73	1.97	2.26	--
Desvio-Padrão	0.35	0.38	0.39	0.29	--

Os itens, 1 ("ficaria desapontado/a comigo mesmo por quebrar um compromisso pré-estabelecido com o/a meu/minha parceiro/a"), 5 ("quando assumi publicamente o meu relacionamento, fiquei moralmente obrigado/a a manter-me junto do/a meu/minha parceiro/a"), 14 ("devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque assumi um compromisso com ele/a"), 15 ("devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque estou comprometido com o nosso relacionamento"), 21 ("devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque me sentira ingrato se o terminasse"), 24 ("devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque é a coisa mais acertada a fazer"), e 38 ("permaneço no meu relacionamento porque iria sentir culpa ao deixar o/a meu/minha parceiro/a") foram retirados da análise, uma vez que apresentavam cargas fatoriais muito baixas.

Atendendo à análise e à matriz das variâncias totais (quadro 3), verificou-se que o primeiro fator era o que agregava um maior número de itens (14), comparativamente com os restantes, o que contribuiu para o facto de, isoladamente, este fator explicar 35,15% da variância total, tendo uma maior importância face aos demais, e apresentando cargas entre 0.96 e os 0.41. Agregou questões que refletem a forma como a própria relação é vista por outras pessoas, a influência que os familiares e amigos têm sobre o seu relacionamento e questões relativas à permanência na relação amorosa. Por este motivo, foi designado “Pressão Social e Manutenção da Relação”.

O fator 2 explicou 10.72% da variância total com cargas entre os 0.99 e os 0.42, e incluiu oito itens relativos à forma como o indivíduo vê e sente o seu relacionamento e o facto de o abandonar. Desta forma, este fator foi denominado de "Perspetivas e Consequências da Separação/Abandono do Parceiro".

O fator 3 representa 5.47% da variância total com cargas entre os 0.96 e os 0.50 com a presença de 4 itens que explicam questões oriundas da personalidade dos dois indivíduos, nomeadamente, o facto de não poder exigir algo do seu parceiro visto ambos terem os seus defeitos. Assim, este fator foi designado de "Tolerância e Compreensão face ao Parceiro e ao Relacionamento".

Por último, o fator 4 explicou 4.70% da variância total com cargas entre os 0.77 e os 0.42, composto por 5 itens que representam questões relacionadas com a religiosidade e a forma como encaram as suas vivências, derivado das crenças subjacentes à sua personalidade. Por este motivo, denominou-se de "Valores de Consistência".

Posteriormente, foi calculado o Alfa de Cronbach, visto ser uma medida de consistência interna utilizado como uma estimativa da fiabilidade de um teste psicométrico. Relativamente ao quadro 3, é possível verificar que o fator 1 revelou um índice de fidelidade muito bom ($\alpha_{F1} = 0.92$), o que também é explicável visto ter um maior número de questões que o compõem. O fator 2 e o fator 3 apresentaram, respetivamente, um índice de fidelidade interna considerado bom ($\alpha_{F2} = 0.86$; $\alpha_{F3} = 0.80$). E por fim, o fator 4, apresentou uma consistência interna muito boa ($\alpha_{F4} = 0.91$). Desta forma, os quatro fatores demonstram uma fidelidade adequada.

Para além desta análise fatorial, tornou-se importante explorar se a escala apesar de ser utilizada para medir fatores de 1ª ordem, também seria apropriada para medir um fator de 2ª

ordem (isto é, um fator de *moral obligation*). Desta forma, procedemos a uma análise fatorial exploratória, método de extração em eixos principais com rotação *promax*, utilizando os quatro fatores anteriormente apresentados. Após esta análise verificamos que este fator de 2ª ordem era estatisticamente viável, tornando-se bastante favorável para a escala, apresentando um valor de KMO de 0.92, e demonstrando também uma boa consistência interna ($\alpha=0.79$).

Proposta de uma *Short-Scale*

De seguida, são descritas as análises tendentes à proposta de a uma proposta de *short-scale* de *Moral Obligation* modo a proporcionar utilizações mais rápidas na avaliação e na análise dos índices de compromisso moral. Esta proposta teve como preocupação a manutenção da integridade do construto de *Moral Obligation*, bem como garantir qualidades psicométricas semelhantes à da escala total apresentada anteriormente.

A partir da escala original e tendo em conta cada fator, procedeu-se à eliminação dos itens que apresentavam cargas fatoriais mais reduzidas. De acordo com o quadro 4 é possível verificar que no fator 1, Pressão Social e Manutenção da Relação, foram eliminados seis itens (os itens 20, 22, 25, 28, 34 e 37). No fator 2, Perspetivas e Consequências da Separação e do Abandono do Parceiro, foram retirados três itens (os itens 6, 9 e 18). No que toca ao fator 3, a Tolerância e Compreensão face ao Parceiro e ao Relacionamento foram eliminados dois itens (itens 33 e 35). Por fim, no último fator, nos Valores de Consistência, retirou-se um item (o item 8).

Para averiguar a validade do constructo da *short-scale*, os dados foram submetidos a uma análise fatorial exploratória, método de extração em eixos principais, novamente com uma rotação *promax* (quadro 4). A análise mostrou a existência de 4 fatores, confirmando assim a escala anteriormente criada. É de salientar que houve apenas uma alteração, nomeadamente nas variâncias explicadas em relação aos últimos dois fatores. Desta forma, o fator 3 passou a ser os Valores de Consistência e o fator 4 a Tolerância e Compreensão face ao Parceiro e ao Relacionamento, sendo que os dois primeiros fatores se mantiveram na mesma posição.

Quadro 4: *Análise Fatorial Exploratória com Rotação Promax*

Dimensions and Items	F1	F2	F3	F4	Corrected Item-total correlations
Pressão Social e Manutenção da Relação (F1) - 8 Itens					
32. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque posso ser rejeitado por outras pessoas caso terminássemos	.91	-.11	-.06	.06	.81
27. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque é aquilo que é esperado pelas pessoas que nos rodeiam	.89	-.06	-.04	.07	.81
23. Devo manter-me no meu relacionamento por causa do que as outras pessoas podem pensar de mim caso termine com o/a meu/minha parceiro/a	.89	-.04	-.09	.03	.80
31. Devo manter o meu relacionamento porque eu e o/a meu/minha parceiro/a temos amigos/amigas em comum	.85	-.02	-.06	.04	.78
26. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque os membros da minha família ficariam aborrecidos	.79	.05	.01	.04	.76
30. Devo manter o meu relacionamento porque o/a meu/minha parceiro/a é a minha única família	.77	.03	.10	-.14	.72
29. Devo manter o meu relacionamento porque eu sou a única família que o/a meu/minha parceiro/a tem	.74	.01	.13	-.17	.68
36. Permaneço no meu relacionamento porque me sinto obrigado a isso	.70	.03	-.01	-.03	.63
Perspetivas e Consequências da Separação/Abandono do Parceiro (F2) - 5 Itens					
3. Não vejo problemas em separar-me do/da meu/minha parceiro/a, caso as coisas não estejam a correr bem	-.12	.91	-.16	-.08	.54
4. Se fizer todos os possíveis para que o meu relacionamento tenha sucesso e, mesmo assim, não o conseguir, então a separação é a melhor solução	.07	.82	-.17	-.14	.50
2. Separar-me do/da meu/minha parceiro/a vai contra aquilo em que eu acredito	-.13	.65	.12	.09	.52
19. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque terminá-lo seria o mesmo que desistir	.14	.50	.08	.29	.57
7. Nunca abandonaria o/a meu/minha parceiro/a porque ele/a necessita muito de mim	.16	.40	.23	.20	.49
Valores de Consistência (F3) - 4 Itens					
12. Sinto frequentemente que devo terminar aquilo que começo	.03	-.06	.80	-.23	.45
10. Sempre que prometo algo, sinto-me obrigado/a a cumprir a promessa	.02	-.04	.70	.12	.50
13. Mesmo que as coisas se tornem complicadas, devo cumprir aquilo que prometi	.02	.27	.68	-.03	.53
11. É importante seguir sempre aquilo em que acredito	-.11	-.26	.64	.10	.33
Tolerância e Compreensão face ao Parceiro e Relacionamento (F4) - 2 Itens					
17. Devo manter-me no meu relacionamento porque reconheço que não sou perfeito e devo ser tolerante e aceitar os pontos fracos do/a meu/minha parceiro/a	-.01	-.02	-.07	.96	.82
16. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque reconheço que não sou perfeito/a e devo ser tolerante e aceitar as dificuldades que vão surgindo no nosso relacionamento	-.04	-.03	-.01	.95	.82

Eigenvalue	6.30	2.84	1.63	1.35	--
Explained Variance	33.17	14.92	8.55	7.11	--
Cronbach alpha	.93	.76	.66	.90	--
Média	1.27	1.76	2.14	2.27	--
Desvio-Padrão	0.35	0.39	0.45	0.30	--

Atendendo à análise de matriz de variâncias totais, verificou-se que o primeiro fator representa 33.17% da variância, continuando a ter uma maior importância face aos demais, apresentando cargas fatoriais entre os 0.87 e os 0.70. O fator 2 explicou 14.92% da variância total com cargas entre os 0.91 e os 0.40. O fator 3 representa 8.55% tendo os itens cargas fatoriais entre os 0.75 e os 0.58. E por fim, o último fator explicou 7.11% da variância total com cargas de 0.93.

Para além desta análise fatorial, e em conformidade com a escala completa, tornou-se importante explorar se a escala seria apropriada para medir um fator de 2ª ordem de *Moral Obligation*. Desta forma, procedemos a uma análise fatorial exploratória, método de extração em eixos principais com rotação *promax*, utilizando os quatro fatores anteriores. Após esta análise verificámos que este factor é estatisticamente viável, tornando-se bastante favorável para a escala, apresentando um valor de KMO de 0.86, e demonstrando uma consistência interna razoável ($\alpha=0.65$).

Análise da Sensibilidade das Dimensões da Escala Completa e da *Short-Scale*

Para testar a sensibilidade das dimensões da escala completa e da *short-scale*, utilizou-se três questões sociodemográficas: "Qual o seu sexo biológico?" tendo como opção de resposta "1 = Feminino" e "2 = Masculino"; "Vive com o seu companheiro?" e "Tem filhos?" apresentando opções de resposta de "1 = Sim" e "2 = Não" respetivamente.

Inicialmente foi verificada a sensibilidade das dimensões face ao sexo biológico dos indivíduos (quadro 5).

Quadro 5: *Sensibilidade das dimensões da Escala Completa e da Short-Scale relativamente ao Sexo*

	Qual o seu sexo biológico?	<i>M</i>	<i>SD</i>	One sample <i>t</i> test		
				<i>df</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Escala Completa						
F1	Feminino	1.33	0.32	445	-3.40	0.001
	Masculino	1.44	0.37			
F2	Feminino	1.68	0.38	451	-3.82	0.000
	Masculino	1.83	0.36			
F3	Feminino	1.95	0.39	452	-1.38	0.168
	Masculino	2.00	0.39			
F4	Feminino	2.24	0.29	454	-1.23	0.218
	Masculino	2.28	0.30			
FMoral (2ª ordem)	Feminino	1.80	0.27	443	-2.97	0.003
	Masculino	1.89	0.27			
Short-Scale						
F1	Feminino	1.24	0.31	451	-3.24	0.001
	Masculino	1.35	0.40			
F2	Feminino	1.73	0.39	452	-3.16	0.002
	Masculino	1.85	0.37			
F3	Feminino	2.26	0.30	454	-1.15	0.249
	Masculino	2.29	0.31			
F4	Feminino	2.15	0.44	454	0.63	0.528
	Masculino	2.12	0.45			
FMoral (2ª ordem)	Feminino	1.84	0.25	449	-2.29	0.023
	Masculino	1.90	0.25			

De acordo com o quadro 5 é possível verificar, nas duas escalas apresentadas, que existem diferenças significativas entre os homens e as mulheres no que diz respeito ao fator 1 (Pressão Social e Manutenção da Relação), 2 (Perspetivas e Consequências da Separação e do Abandono do/a Parceiro/a) e de 2ª ordem (Compromisso Moral). Estas diferenças indicam que tanto a pressão social, como as consequências da separação e os índices de compromisso têm um peso mais elevado para os homens comparativamente com as mulheres.

De seguida é apresentada o quadro 6 referente à sensibilidade das dimensões face à coabitação.

Quadro 6: *Sensibilidade das dimensões da Escala Completa e da Short-Scale relativamente à Coabitação*

	Vive com o seu/sua parceiro/a?	<i>M</i>	<i>SD</i>	One sample <i>t</i> test		
				<i>df</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Escala Completa						
F1	Sim	1.43	0.37	436	3.75	0.000
	Não	1.31	0.32			
F2	Sim	1.81	0.40	445	4.56	0.000
	Não	1.65	0.35			
F3	Sim	1.97	0.40	444	0.28	0.776
	Não	1.96	0.38			
F4	Sim	2.29	0.29	466	2.45	0.014
	Não	2.22	0.29			
FMoral (2ª ordem)	Sim	1.88	0.29	434	3.72	0.000
	Não	1.78	0.25			
Short-Scale						
F1	Sim	1.32	0.37	443	2.62	0.009
	Não	1.23	0.33			
F2	Sim	1.85	0.39	446	4.72	0.000
	Não	1.68	0.36			
F3	Sim	2.30	0.30	466	2.63	0.009
	Não	2.23	0.29			
F4	Sim	2.17	0.46	448	1.37	0.170
	Não	2.11	0.44			
FMoral (2ª ordem)	Sim	1.92	0.26	441	4.30	0.000
	Não	1.81	0.24			

Conforme se verifica no quadro 6, existem diferenças significativas no fator 1, 2, 4 (Tolerância e Compreensão face ao Parceiro e ao Relacionamento) e no de 2ª ordem. Estas diferenças revelam que a pressão social, as consequências da separação, a tolerância/compreensão e o compromisso moral são fatores que estão mais presentes e que influenciam mais os indivíduos que vivem com o seu/sua parceiro/a comparativamente com os outros.

Por último, segue-se o quadro 7, de forma a verificar se há ou não diferenças entre os parceiros que têm filhos e os que não têm.

Quadro 7: *Sensibilidade das dimensões da Escala Completa e da Short-Scale relativamente à Filiação*

	Tem filhos?	<i>M</i>	<i>SD</i>	One sample <i>t</i> test		
				<i>df</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Escala Completa						
F1	Sim	1.43	0.38	444	-3.44	0.001
	Não	1.32	0.31			
F2	Sim	1.80	0.39	451	-3.26	0.001
	Não	1.68	0.37			
F3	Sim	1.94	0.39	452	0.89	0.373
	Não	1.98	0.39			

F4	Sim	2.27	0.30	454	-0.79	0.429
	Não	2.24	0.29			
FMoral (2ª ordem)	Sim	1.87	0.29	442	-2.41	0.016
	Não	1.80	0.26			
Short-Scale						
F1	Sim	1.32	0.38	451	-2.41	0.016
	Não	1.24	0.32			
F2	Sim	1.84	0.38	452	-3.33	0.001
	Não	1.72	0.38			
F3	Sim	2.29	0.31	454	-1.52	0.129
	Não	2.25	0.30			
F4	Sim	2.15	0.46	454	-0.43	0.664
	Não	2.13	0.44			
FMoral (2ª ordem)	Sim	1.91	0.26	449	-3.07	0.002
	Não	1.83	0.24			

De acordo com o quadro acima, é possível observar ao nível da filiação, que existem diferenças significativas entre quem tem filhos e quem não tem relativamente aos fatores 1, 2 e de 2ª ordem. Estes resultados indicam que os indivíduos que têm filhos são os que revelam uma maior importância face aos fatores da pressão social, consequências da separação e de compromisso moral.

Estudo da Validade Convergente da Escala de *Moral Obligation* e *Short-Scale*

De seguida, são apresentados os resultados respeitantes ao estudo da validade convergente da escala de *Moral Obligation* e *Short-Scale*, verificando para tal quais as relações que existem entre as dimensões em estudo e as dimensões apresentadas no Modelo de Investimento de Rusbult, nomeadamente a Satisfação do Relacionamento ($\alpha=0.92$), a Qualidade das Alternativas ($\alpha=0.86$), o Tamanho de Investimento ($\alpha=0.80$) e o Nível de Compromisso ($\alpha=0.91$). Como foi referido na literatura, e de acordo com Rusbult et al. (2011), o Modelo de Investimento centra-se na ideia de que as relações persistem não só pelas qualidades positivas que atraem cada um dos parceiros (a satisfação), como também pelos laços que os ligam (os investimentos) e pela ausência de uma melhor opção para além da própria (as alternativas).

Quadro 8: *Correlações entre as dimensões subjacentes à escala do Modelo de Rusbult e da Moral Obligation (r pearson, significância e N)*

	Satisfação do Relacionamento	Qualidade das Alternativas	Tamanho de Investimento	Nível de Compromisso
Pressão Social e Manutenção da Relação	0.008	0.144**	0.431**	-0.022
	0.873	0.002	0.000	0.637
	451	451	451	452
Perspetivas e Consequências da Separação/Abandono do Parceiro	0.200**	-0.149**	0.463**	0.241**
	0.000	0.001	0.000	0.000
	459	459	459	460
Tolerância e Compreensão face ao Parceiro e Relacionamento	0.245**	-0.100*	0.358**	0.324**
	0.000	0.032	0.000	0.000
	459	459	459	460
Valores de Consistência	0.213**	-0.098*	0.314**	0.275**
	0.000	0.033	0.000	0.000
	476	476	476	477
Moral Obligation (Fator de 2ª Ordem)	0.217**	-0.079	0.513**	0.323**
	0.000	0.096	0.000	0.000
	449	449	449	450

Notas: ** $p < .01$; * $p < .05$

Como se pode verificar no quadro 8, o fator Pressão Social e Manutenção da Relação está positivamente correlacionado com a Qualidade das Alternativas ($r=.144$) e com o Tamanho de Investimento ($r=.431$). No que toca às Perspetivas e Consequências da Separação e do Abandono do Parceiro, verifica-se também uma correlação positiva com a Satisfação do Relacionamento ($r=0.200$), com o Tamanho do Investimento ($r=0.463$) e com o Nível de Compromisso ($r=0.637$) e uma correlação negativa com as Qualidades das Alternativas ($r=-0.149$). Em relação ao fator da Tolerância e Compreensão face ao Parceiro e ao Relacionamento, observa-se uma correlação positiva com três dimensões do Modelo de Rusbult, a Satisfação ($r=0.245$), o Tamanho de Investimento ($r=0.358$) e o Nível de Compromisso ($r=0.324$) e uma correlação negativa com a Qualidade das Alternativas ($r=-0.100$). Por fim, o último fator da escala, os Valores de Consistência, correlaciona-se positivamente com a Satisfação do Relacionamento, com o Tamanho de Investimento e com o Nível de Compromisso ($r=0.213$, $r=0.314$ e $r=0.275$, respetivamente) e negativamente com a Qualidade das Alternativas ($r=-0.098$).

Relativamente ao fator de 2ª ordem, o compromisso moral, é possível observar uma correlação negativa com a dimensão das Qualidades das Alternativas ($r=-0.079$). Por outro lado, a dimensão correlaciona-se substancialmente com o Tamanho do Investimento ($r=0.513$) e parcialmente com o Nível de Compromisso ($r=0.323$) e com a Satisfação do Relacionamento ($r=0.217$).

Ainda assim, como foi proposto uma escala mais reduzida, torna-se importante verificar qual a relação que existe entre os fatores da *short-scale* e as dimensões apresentadas pelo Modelo de Investimento de Rusbult (quadro 9).

Quadro 9: Correlações entre as dimensões subjacentes à escala do Modelo de Rusbult e da Short-Scale (*r* pearson, significância e *N*)

	Satisfação do Relacionamento	Qualidade das Alternativas	Tamanho de Investimento	Nível de Compromisso
Pressão Social e Manutenção da Relação (F1)	-0.015	0.196**	0.362**	0.053
	0.753	0.000	0.000	0.257
	458	458	458	459
Perspetivas e Consequências da Separação/Abandono do Parceiro (F2)	0.219**	-0.224**	0.457**	0.305**
	0.000	0.000	0.000	0.000
	460	460	460	461
Valores de Consistência (F3)	0.159**	-0.055	0.267**	0.245**
	0.001	0.232	0.000	0.000
	476	476	476	477
Tolerância e Compreensão face ao Parceiro e Relacionamento (F4)	0.252**	-0.153**	0.230**	0.338**
	0.000	0.001	0.000	0.000
	462	462	462	463
Moral Obligation (Fator de 2ª Ordem)	0.241**	-0.115*	0.487**	0.363**
	0.000	0.014	0.000	0.000
	456	456	456	457

Notas: ** $p < .01$; * $p < .05$

Como se pode verificar no quadro 9, o Tamanho do Investimento é a dimensão que se correlaciona positivamente e substancialmente com todas as dimensões da *short-scale*. De seguida, verifica-se também uma correlação positiva do Nível de Compromisso com o fator 2 ($r=0.305$), com o fator 3 ($r=0.245$), com o fator 4 ($r=0.338$) e ainda com o fator de 2ª ordem ($r=0.363$), não existindo qualquer relação entre o Nível de Compromisso e a Pressão Social e Manutenção da Relação. Relativamente à Satisfação do Relacionamento, esta apresenta correlações positivas com todos os fatores exceto com o fator 1. Por fim, a Qualidade das Alternativas apresenta uma correlação positiva, apesar de ser baixa, com a Pressão Social e Manutenção da Relação ($r=0.196$) e uma correlação negativa como fator das Perspetivas e Consequências da Separação e Abandono do Parceiro ($r= -0.224$), com o fator da Tolerância e Compreensão face ao Parceiro e ao Relacionamento ($r= -0.153$) e com o fator de 2ª ordem ($r= -0.115$), não se verificando qualquer relação entre a Qualidade das Alternativas com os Valores de Consistência.

Conclusão

Esta dissertação teve como objetivo criar uma medida de compromisso moral, elaborando uma nova escala de medida que possibilite uma aplicabilidade mais genérica, visto as anteriores não permitirem uma visão global deste constructo. Por outro lado, este trabalho pretendia, também, fechar o ciclo do compromisso moral, alargando a escala para casais heterossexuais que estejam num relacionamento sem a obrigatoriedade de estarem perante um contrato matrimonial. Esta nova medida foi baseada no Modelo Tripartido de Johnson, contudo, foi realizada uma revisão de literatura com o intuito de procurar outras medidas que operacionalizassem este conceito. Desta forma, a adaptação e a validação do novo instrumento teve por base três medidas independentes: *Moral Commitment Scale* (Johnson et al, 1999), *Cohabiting Partners Moral Commitment Clusters* (Pope, 2010) e *Assessment of Relationship Commitment* (Gagné e Lydon, 2003). Esta análise permitiu, posteriormente, a criação de uma pool de itens, criando um novo instrumento de medida - a escala de *Moral Obligation*.

Conforme foi referido na introdução teórica, esta investigação é centrada e baseada no Modelo Tripartido de Johnson e posteriormente analisada e comparada com o Modelo de Investimento de Rusbult (1980). O Modelo Tripartido de Johnson apresenta três tipos de compromisso: o pessoal (que se refere à medida em que um parceiro quer manter o seu relacionamento), o estrutural (que se refere ao grau em que um parceiro sente que deve ou tem que ficar no seu relacionamento) e o moral (Johnson, 1999). Contudo, para Johnson (1999), o compromisso moral é um construto multidimensional e distinto, ou seja, separada do compromisso pessoal e estrutural. Assim, as componentes do compromisso moral são denominadas de atitudes face ao divórcio, as atitudes face ao casamento, e por fim, os valores de consistência (Johnson, 1999, cit. por Pope & Cashwell, 2013). Relativamente ao Modelo de Investimento de Rusbult (1980), este teve como principal objetivo construir uma estrutura útil para predizer o estado de comprometimento das pessoas permitindo ainda compreender quais as causas subjacentes a esse compromisso (Rusbult, 1980). De acordo com Rusbult et al (2011) este modelo centra-se na ideia de que as relações persistem não só pelas qualidades positivas que atraem cada um dos parceiros (a satisfação) como também pelos laços que os ligam (os investimentos) e pela ausência de uma melhor opção para além da própria (as alternativas).

Com a análise dos resultados, é possível referir que se obteve uma escala com boas qualidades psicométricas apresentando quatro fatores, denominados de Pressão Social e Manutenção da Relação ($\alpha=0.93$), Perspetivas e Consequências da Separação e do Abandono do Parceiro ($\alpha=0.85$), Tolerância e Compreensão face ao Parceiro e ao Relacionamento ($\alpha=0.73$) e por fim os Valores de Consistência ($\alpha=0.68$). De acordo com a variância explicada dos fatores, verificou-se que a dimensão que maior explica o novo instrumento é a Pressão Social e Manutenção da Relação (35.15%).

Sendo a Pressão Social e a Manutenção da Relação o grande tema presente nesta escala, é importante verificar e corroborar este resultado. Como é possível verificar na literatura, Levinger (1980) refere que a pressão social é um dos fatores que atua maioritariamente num relacionamento quando a atração entre os parceiros é considerada baixa. Por outro lado, Pope (2010) revela que cada compromisso reflete uma experiência diferente, normalmente proveniente de processos internos ou de processos externos ao indivíduo, referindo que a pressão social apresenta uma grande ênfase nestas experiências. Na verdade, um indivíduo pode sentir-se moralmente obrigado em continuar um relacionamento pensando apenas nas pessoas que diretamente se encontrem afetadas por isso, como é o caso do seu próprio parceiro e dos filhos. Contudo, Johnson (1999) refere que cada vez mais as pessoas se sentem moralmente obrigadas a permanecer junto do parceiro por causa de pessoas externas à relação, visto a dissolução do seu relacionamento poder trazer desonra ou consequências para a família ou amigos (verificando-se também aqui a presença da nossa segunda dimensão, as perspetivas e consequências da separação e do abandono do parceiro). Hoje em dia, a pressão social refere-se às exigências e opiniões de terceiros relativamente à moralidade de término de um relacionamento (Johnson, 1999).

Relativamente à dimensão dos valores de consistência, é importante referir que apesar de ser a dimensão que apresenta uma consistência interna mais baixa, é comum com as dimensões presentes no modelo de Johnson. Apesar de parecer a dimensão mais separada, considerou-se bastante relevante. Como Johnson (1999) demonstra, esta dimensão é pertinente para o compromisso moral visto ser algo que vem com as pessoas para o interior de uma relação. Está relacionado com o cumprimento de promessas e com o posicionamento dos próprios perante diversas situações, como por exemplo, quando alguém se liga a outra pessoa automaticamente compromete-se a estar com ela, demonstrando a sua consistência. Ainda assim, Pope (2010) reforça esta importância referindo que os valores traduzem-se em traços

de personalidade que contribuem para a consistência dos indivíduos nos seus pensamentos, sentimentos e comportamentos ao longo do tempo.

Paralelamente, a dimensão da tolerância e compreensão face ao parceiro apareceu na escala, corroborando com alguns pesquisadores que dizem que as dimensões de Johnson deveriam se estender à reflexão e desejo de um comportamento consistente, tendo em conta crenças pessoais sobre perseverança, tolerância e tendência própria para um otimismo (Pope, 2010).

Visto o Modelo Tripartido de Johnson ter sido a base para a nossa escala, é pertinente verificarmos em que dimensões se encontram afinal os itens utilizados da escala de Johnson. Atualmente, dos 13 itens que compõem a escala mantiveram-se apenas 11. Desta forma, verifica-se que os itens representam as dimensões de Perspetivas e Consequências da Separação e Abandono do Parceiro e dos Valores de Consistência, revelando grande coerência com o modelo do próprio, visto serem as duas dimensões mais relacionadas com o original.

Posteriormente, tornou-se importante explorar se a escala apesar de ser utilizada para medir fatores de 1ª ordem, também seria apropriada para medir um fator de 2ª ordem, sendo este uma dimensão genérica de *Moral Obligation*. Após esta análise verificámos que era possível, tornando-se bastante favorável para a escala, apresentando também uma boa consistência interna ($\alpha=0.79$). Desta forma, é possível referir que existe um fator de compromisso moral e que a escala pode ser utilizada de duas maneiras: ou como um indicador único (indicador global de *Moral Obligation*) ou fator a fator consoante o que os investigadores querem medir.

Afim de proporcionar utilizações mais rápidas na avaliação e na análise dos índices de *Moral Obligation*, procedeu-se à elaboração de uma *short-scale*. Às quatro dimensões foram retiradas os itens que apresentavam as cargas fatoriais mais baixas tendo em conta sempre o seu valor de consistência. Assim, obteve-se uma escala mais reduzida mas equivalente permitindo na mesma mostrar o núcleo do construto. No mesmo âmbito que a escala completa, procedeu-se a uma análise fatorial de 2ª ordem que mostrou novamente a possibilidade da escala ser medida das duas maneiras, revelando consistência interna aceitável no fator único ($\alpha=0.65$).

Com o objetivo de se testar a sensibilidade, recorreu-se a três questões sociodemográficas (sexo, coabitação e filiação) afim de se verificar quais as diferenças

existentes. Primeiramente, os resultados obtidos em relação ao sexo, demonstraram que os homens dão mais importância à pressão social, preocupam-se mais com as consequências da separação e revelam um compromisso moral superior às mulheres. Estes resultados vão, em parte, de acordo com a literatura. Segundo Hampel e Vangelisti (2008) a opinião das outras pessoas face ao seu relacionamento apresenta uma grande importância para os homens, mostrando que a pressão social é um fator com grande peso para o sexo masculino quando estes tendem pensar na manutenção da sua relação e mesmo nas consequências da separação. Por outro lado, quando falamos no compromisso moral percebido, apesar dos resultados revelarem diferenças entre os homens e as mulheres, a literatura indica que de uma forma geral os dois géneros produzem uma sensação de compromisso de forma similar (Hampel & Vangelisti, 2008).

Relativamente à coabitação, verificou-se que os indivíduos que vivem com os/as seus/suas parceiros/as apresentavam valores mais elevados ao nível da pressão social, das perspetivas e consequências da separação, da tolerância e compreensão face ao parceiro e ao relacionamento e por fim ao nível do compromisso moral. Estes resultados vão de encontro com a literatura, visto a coabitação estar positivamente relacionada com o compromisso moral (Kurdek, 2008). Segundo Oswald *et al* (2008), os parceiros que vivem juntos são os mais propensos a demonstrarem a sua relação enquanto casal, desta forma, a pressão social, as perspetivas e consequências da separação e a tolerância face ao outro são fatores que estão bastante presentes em cada um, visto quererem manter o seu relacionamento de forma a alcançarem os seus objetivos. Algumas dimensões que procuram explicar esta importância é a satisfação e o investimento de ambos face ao relacionamento (Pope, 2010).

Através da análise da filiação, observou-se que os parceiros que têm filhos apresentam níveis mais elevados de compromisso moral e valores mais altos face à pressão social e às perspetivas e consequências da separação. Todos os resultados demonstraram grande consistência perante a literatura visto Pope (2010) revelar que quando um casal tem um filho, automaticamente existem tarefas e funções que promovem a ligação e o compromisso entre ambos. A autora indica ainda que existem fatores que influenciam a tomada de decisão, tais como o tempo dispensado, os recursos utilizados e o esforço. Desta forma, no âmbito de promover o bem estar entre os parceiros e os seus filhos, a pressão social e as perspetivas e consequências de separação são dimensões que para ambos têm de ser bem estruturadas (Pope, 2010).

Como foi referido anteriormente, o questionário aplicado aos participantes para além de conter a nova escala - *Moral Obligation* - apresentava a escala validada para a população portuguesa do Modelo de Investimento de Rusbult. Desta forma, pretendia-se averiguar quais as relações existentes entre as dimensões de cada instrumento, ou seja, a validade convergente da escala de *Moral Obligation*.

De acordo com os resultados obtidos, verificou-se que as dimensões em estudo apresentam correlações mais fortes com a dimensão do Tamanho do Investimento e do Nível de Compromisso corroborando com Rodrigues e Lopes (2015), que nos demonstram que o único lugar do compromisso moral no Modelo de Rusbult é como um antecedente dos investimentos. Ainda assim, Rusbult (1980) refere que elevados investimentos (tanto intrínsecos como extrínsecos) aumentam o compromisso percebido, existindo assim uma grande relação. Globalmente, verifica-se que o compromisso tem pouco a ver com a Satisfação do Relacionamento, ainda menos com as Qualidades de Alternativas e de certa forma contribui para o Compromisso Geral como se era de esperar.

Segundo Pope (2010), o compromisso moral está positivamente correlacionado com a satisfação e com a manutenção do relacionamento, mostrando ser influente ao ajudar os parceiros, mesmo em situações complicadas, a terem uma perspetiva mais positiva face à sua relação de modo a obterem mais estabilidade. Contudo, os resultados obtidos não confirmam na totalidade esta afirmação, visto a dimensão da Satisfação com o Relacionamento apresentar correlações muito baixas com as outras dimensões. Desta forma, uma explicação para este resultado está relacionada com o facto da satisfação estar associada aos níveis percebidos de compromisso (Kurdek, 2000 & Rusbult et al, 1998). Assim, os indivíduos que revelam altos níveis de satisfação com o seu relacionamento demonstram um compromisso diferente relativamente aos indivíduos que revelam baixos níveis de satisfação (Kurdek, 2000 & Rusbult et al, 1998).

Tendo em conta a fraca correlação entre as dimensões em estudo com a dimensão da Qualidades das Alternativas e ainda da Satisfação do Relacionamento, Rodrigues e Lopes (2014) revelam que o compromisso moral não atua nem depende diretamente desses dois fatores, reforçando a ideia de que o tamanho de investimento é predominante em algumas situações. Um indivíduo que não apresente satisfação nem qualidades alternativas junto do seu relacionamento, procura manter-se na relação apenas devido aos investimentos exercidos sobre a mesma (Rodrigues e Lopes, 2015).

A nível global, os resultados deste estudo fornecem informações relevantes sobre a conceptualização do compromisso moral nas relações amorosas. No entanto, e como é possível verificar em todos os estudos, existiram algumas limitações.

A generalização dos resultados é limitada devido à amostra selecionada para a investigação, nomeadamente o facto de serem apenas portugueses heterossexuais que se encontrem num relacionamento. Na verdade, num relacionamento o compromisso moral pode variar entre populações devido a fatores como o género, etnia, situação económica, entre outros. Desta forma, deveremos ter em atenção a amostra que foi selecionada. Outra limitação deste estudo refere-se ao instrumento criado, a escala de *Moral Obligation*. O facto da escala ser quantitativa e não dicotómica demonstrou a opinião das pessoas muito extremada, ou seja, as pessoas posicionaram-se e reagiram muito positivamente ou negativamente face às questões não existindo um meio termo, apresentando assim uma grande assimetria. Contudo, é importante referir que o objetivo seria verificar as atitudes das pessoas face às situações e por esse motivo é que se manteve uma escala ordinal. Por fim, é importante referir a falta de literatura existente sobre este constructo de compromisso moral. O facto de não existir um consenso entre investigadores sobre as dimensões do compromisso revela uma escassez de investigações em volta deste tema.

Na verdade, este estudo apresenta várias questões que não foram verificadas e que devem ser exploradas em futuros estudos. Inicialmente é importante referir que o compromisso moral pode variar consoante a posição e localização na sociedade. Conforme o que já foi descrito, este estudo focalizou-se em portugueses heterossexuais num relacionamento. Contudo, existem outros tipos de relações amorosas que devem ser incluídos e estudados. Desta forma, é necessário mais pesquisas para explorar questões de cultura, como por exemplo, estudos onde o objetivo se centre na verificação dos níveis de compromisso moral em casais com culturas diferentes. Seria igualmente importante explorar as questões da poligamia e das relações não monogâmicas, para desta forma verificar se existem os mesmos níveis de compromisso, explorando quais as relações que há entre essas dimensões. Por último, tendo em conta que as questões de infidelidade são hoje em dia muito abordadas, seria interessante verificar se as pessoas que cometem mais infidelidade apresentam um compromisso mais baixo, visto não sentirem nem terem obrigatoriedade para com o seu parceiro.

Referências

- Agnew, C. (2009). Commitment, theories and typologies. *Department of Psychological Sciences Faculty Publications*, (Online), 28. Disponível em:
<http://docs.lib.purdue.edu/psychpubs/28>;
- Apostolou, M. (2015). Past, present, and why people struggle to establish and maintain intimate relationships. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 9(4), 257-269. doi: 10.1037/ebs0000052
- Collins, W. A., Welsh, D. P., & Furman, W. (2009). Adolescent romantic relationships. *Annual Review of Psychology*, 60, 631-652.
doi:10.1146/annurev.psych.60.110707.163459
- Costa, M. E. (2005). *À procura da intimidade*. Lisboa: Edições ASA.
- Gagné, F. M., & Lydon, J. E. (2003). Identification and the commitment shift: Accounting for gender differences in relationship illusions. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29(7), 907-919. doi: 10.1177/0146167203029007009
- Guedes, M. J. M. (2011). *Satisfação com a vida amorosa nas relações de intimidade dos pares de namorados heterossexuais* (Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Hampel, A. D., & Vangelisti, A. L. (2008) Commitment expectations in romantic relationships: Application of a prototype interaction-pattern model. *Personal Relationships*, 15(1), 81-102. doi: 10.1111/j.1475-6811.2007.00186.x
- Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1992). *Romantic Love*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Johnson, M. P., Caughlin, J. P., & Huston, T. L. (1999). The tripartite nature of marital commitment: Personal, moral, and structural reasons to stay married. *Journal of Marriage and the Family*, 61(1), 160-177. doi: 10.2307/353891
- Johnson, M. P., & Rusbult, C. E. (1989). Resisting temptation: Devaluation of alternative partners as a means of maintaining commitment in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(6), 967-980. doi: 10.1037/0022-3514.57.6.967

- Kurdek, L. A. (2007). Avoidance motivation and relationship commitment in heterosexual, gay male, and lesbian partners. *Personal Relationships*, 14(2), 291-306. doi:10.1111/j.1475-6811.2007.00155.x
- Kurdek, L. A. (2008). A general model of relationship commitment: Evidence from same-sex partners. *Personal Relationships*, 15(3), 391-405. doi:10.1111/j.1475-6811.2008.00205.x
- Le, B., & Agnew, C. R. (2003). Commitment and its theorized determinants: A meta-analysis of the investment model. *Personal Relationships*, 10(1), 37-57. doi:10.1111/1475-6811.00035
- Lemay, E. P., & Venaglia, R. B. (2016). Relationship expectations and relationship quality. *Review of General Psychology*, 20(1), 57-70. doi:10.1037/gpr0000066
- Levinger, G. (1965). Marital cohesiveness and dissolution: An integrative review. *Journal of Marriage and the Family*, 27(1), 19-28. doi:10.2307/349801
- Levinger, G. (1980). Toward the analysis of close relationships. *Journal of Experimental Social Psychology*, 16(6), 510-544. doi:10.1016/0022-1031(80)90056-6
- Lydon, J., Pierce, T., & O'Regan, S. (1997). Coping with moral commitment to long-distance dating relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73(1), 104-113. doi:10.1037/0022-3514.73.1.104
- Mateus, T. C. C. (2011). *Perceção do desenvolvimento das relações românticas em jovens adultos* (Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Oswald, R. F., Goldberg, A., Kovalanka, K., & Clausell, E. (2008). Structural and moral commitment among same-sex couples: Relationship duration, religiosity, and parental status. *Journal of Family Psychology*, 22(3), 411-419. doi:10.1037/0893-3200.22.3.411
- Pope, A. L. (2010). *Moral commitment in intimate committed relationships: A conceptualization from cohabiting same-sex and opposite-sex partners* (Doctoral Dissertation). The University of North Carolina at Greensboro, Greensboro.

- Pope, A. L. (2013). Intimate relationships commitment: An integrated conceptual model. *Journal of Couple & Relationship Therapy*, 12(3), 270-289. doi:10.1080/15332691.2013.806717
- Pope, A. L., & Cashwell, C. S. (2013). Moral commitment in intimate committed relationships: A conceptualization from cohabiting same-sex and opposite-sex partners. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 21(1), 5-14.
- Ramirez, A. J. (2008). An examination of the tripartite approach to commitment: An actor-partner interdependence model analysis of the effect of relational maintenance behavior. *Journal of Social and Personal Relationships*, 25(6), 943-965. doi:10.1177/0265407508100309
- Rodrigues, D., Lopes, D., & Oliveira, J. M. (2011). O modelo do investimento de Rusbult em relacionamentos amorosos hetero e homossexuais. *In-Mind_Português*, 2(1), 1-11.
- Rodrigues, D., & Lopes, D. (2015). The role of moral commitment within the investment model. *International Journal of Psychology*, 50(2), 155-160. doi:10.1002/ijop.12088
- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology*, 16, 172-186. doi:10.1016/0022-1031(80)90007-4
- Rusbult, C. E., Agnew, C., & Arriaga, X. (2011). The investment model of commitment processes. *Department of Psychological Sciences Faculty Publications*, (Online), 26. Disponível em: <http://docs.lib.purdue.edu/psychpubs/26>.
- Rusbult, C. E., Martz, J. M., & Agnew, C. R. (1998). The investment model scale: measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal Relationships*, 5, 357-391. doi:10.1111/j.1475-6811.1998.tb00177
- Stanley, S. M., Markman, H. J., & Whitton, S. W. (2002). Communication, conflict and commitment: insights on the foundations of relationship success from a national survey. *Family Process*, 41(4), 659-675. doi:10.1111/j.1545-5300.2002.00659

Tabachnik, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics* (6th Ed.). Boston: Pearson.

Willoughby, B. J., & Belt, D. (2016). Marital orientation and relationship well-being among cohabiting couples. *Journal of Family Psychology*, 30(2), 181-192.
doi:10.1037/fam0000150

Anexos

Anexo A - Questões Sociodemográficas

1. Qual a sua idade?
2. País de naturalidade?
3. Área habitual de residência
 - Norte
 - Centro
 - Sul
 - Área Metropolitana de Lisboa
 - Área Metropolitana do Porto
 - Ilhas
 - Estrangeiro
4. Vive com o/a seu/sua companheiro/a?
 - Sim
 - Não
5. Duração do seu relacionamento?
6. Qual o seu sexo biológico?
 - Feminino
 - Masculino
7. Qual a sua identidade de género? Qual o sexo a que sente que pertence? No caso da sua resposta ser “Outra”, por favor especifique qual.
 - Feminina
 - Masculina
8. Tem filhos?
 - Não
 - Sim. Quantos? _____

Anexo B - Questionário da Escala de *Moral Obligation*

1. Ficaria desapontado/a comigo mesmo por quebrar um compromisso pré-estabelecido com o/a meu/minha parceiro/a
2. Separar-me do/da meu/minha parceiro/a vai contra aquilo em que eu acredito
3. Não vejo problemas em separar-me do/da meu/minha parceiro/a, caso as coisas não estejam a correr bem.
4. Se fizer todos os possíveis para que o meu relacionamento tenha sucesso e, mesmo assim, não o conseguir, então a separação é a melhor solução
5. Quando assumi publicamente o meu relacionamento, fiquei moralmente obrigado/a a manter-me junto do/a meu/minha parceiro/a
6. Sentir-me-ia mal com a separação por ter prometido ao/à meu/minha parceiro/a que ficaríamos juntos para sempre
7. Nunca abandonaria o/a meu/minha parceiro/a porque ele/a necessita muito de mim
8. Seria muito difícil dizer ao/à meu/minha parceiro/a que pretenderia separar-me
9. Nunca poderia abandonar o/a meu/minha parceiro/a porque sentir-me-ia culpado/a por o/a desapontar
10. Sempre que prometo algo, sinto-me obrigado/a a cumprir a promessa
11. É importante seguir sempre aquilo em que acredito
12. Sinto frequentemente que devo terminar aquilo que começo
13. Mesmo que as coisas se tornem complicadas, devo cumprir aquilo que prometi
14. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque assumi um compromisso com ele/a
15. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque estou comprometido com o nosso relacionamento
16. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque reconheço que não sou perfeito/a e devo ser tolerante e aceitar as dificuldades que vão surgindo no nosso relacionamento

17. Devo manter-me no meu relacionamento porque reconheço que não sou perfeito e devo ser tolerante e aceitar os pontos fracos do/a meu/minha parceiro/a
18. Devo manter-me no meu relacionamento porque sentir-me-ia culpado se deixasse o/a meu/minha parceiro/a
19. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque terminá-lo seria o mesmo que desistir
20. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque não me quero sentir responsável por terminá-lo
21. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque me sentira ingrato se o terminasse
22. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque é um modelo para outras pessoas com as quais nos relacionamos
23. Devo manter-me no meu relacionamento por causa do que outras pessoas podem pensar de mim caso termine com o/a meu/minha parceiro/a
24. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque é a coisa mais acertada a fazer
25. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque o processo de separação seria terrível
26. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque os membros da minha família ficariam aborrecidos
27. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque é aquilo que é esperado pelas pessoas que nos rodeiam
28. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque temos um/uma filho/a / filhos/filhas
29. Devo manter o meu relacionamento porque eu sou a única família que o/a meu/minha parceiro/a tem
30. Devo manter o meu relacionamento porque o/a meu/minha parceiro/a é a minha única família

31. Devo manter o meu relacionamento porque eu e o/a meu/minha parceiro/a temos amigos/amigas em comum
32. Devo manter-me no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a porque posso ser rejeitado por outras pessoas caso terminássemos
33. Permaneço no meu relacionamento porque me preocupo com o/a meu/minha parceiro/a
34. Permaneço no meu relacionamento porque iria sentir pena ao deixar o/a meu/minha parceiro/a
35. Permaneço no meu relacionamento porque sinto compaixão relativamente ao/à meu/minha parceiro/a
36. Permaneço no meu relacionamento porque me sinto obrigado a isso
37. Permaneço no meu relacionamento porque sinto o dever de o manter
38. Permaneço no meu relacionamento porque iria sentir culpa ao deixar o/a meu/minha parceiro/a

Anexo C - Escala do Modelo de Investimento de Rusbult

1. Sinto-me satisfeito/a com o meu relacionamento
2. O meu relacionamento é muito melhor que os relacionamentos de outras pessoas
3. O meu relacionamento está próximo do que eu considero ser ideal para mim
4. O meu relacionamento faz-me muito feliz
5. O meu relacionamento preenche as minhas necessidades de intimidade, companhia/companheirismo, etc
6. Outras pessoas com quem poderia envolver-me (que não o/a meu/minha parceiro/a) são muito apelativas
7. Se não estivesse com o/a meu/minha parceiro/a estaria bem, pois encontraria outra pessoa apelativa para encontros românticos
8. As alternativas ao meu relacionamento são próximas do que eu considero ser ideal para mim (encontros românticos com outra pessoa, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc)
9. As alternativas ao meu relacionamento são atraentes para mim (encontros românticos com outra pessoa, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc)
10. As minhas necessidades de intimidade, companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento alternativo
11. Eu investi tanto no meu relacionamento que acabaria por perder tudo se o relacionamento terminasse
12. Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao/à meu/minha parceiro/a (atividades recreativas, etc.), e eu perderia tudo isso caso o meu relacionamento terminasse
13. Sinto-me muito envolvido/a no meu relacionamento, uma vez que fiz grandes investimentos nele
14. Os meus relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais complicados se o/a meu/minha parceiro/a e eu nos separássemos (e.g., o/a meu/minha parceiro/a é amigo de pessoas que eu estimo)

15. Em comparação com outras pessoas que eu conheço, eu investi bastante no meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a
16. Desejo que o meu relacionamento dure por muito tempo
17. Estou comprometido/a a manter o meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a
18. Não ficaria muito aborrecido/a se o meu relacionamento terminasse num futuro próximo
19. É provável que eu tenha encontros românticos com outra pessoa que não o/a meu/minha parceiro/a durante o próximo ano
20. Sinto-me muito apegado/a ao meu relacionamento; muito ligado/a ao/à meu/minha parceiro/a
21. Desejo que o meu relacionamento dure para sempre
22. Estou motivado para que o meu relacionamento tenha um futuro a longo termo (por exemplo, imagino estar com o/a meu/minha parceiro/a daqui a vários anos)